



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

LUCICLAÚDIA INÁCIO DA SILVA

**O SERTÃO NORDESTINO EM POEMAS DE LEANDRO
GOMES DE BARROS E PATATIVA DO ASSARÉ**

CAMPINA GRANDE – PB

2015

LUCICLAÚDIA INÁCIO DA SILVA

**O SERTÃO NORDESTINO EM POEMAS DE LEANDRO
GOMES DE BARROS E PATATIVA DO ASSARÉ**

Trabalho monográfico apresentado à Banca Examinadora da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência da disciplina Redação Científica, para obtenção do grau de Graduação de Letras.

Orientador: Prof^o. Dr. José Hélder Pinheiro Alves

CAMPINA GRANDE – PB

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S586s

Silva, Luciclaúdia Inácio da.

O sertão nordestino em poemas de Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré / Luciclaúdia Inácio da Silva. – Campina Grande, 2018.

84 f : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves".

Referências.

1. Sertão. 2. Leandro Gomes de Barros. 3. Patativa do Assaré. I. Alves, José Hélder Pinheiro. II. Título.

CDU 82-91(043)

LUCICLAÚDIA INÁCIO DA SILVA

**O SERTÃO NORDESTINO EM POEMAS DE LEANDRO GOMES DE BARROS E
PATATIVA DO ASSARÉ**

Trabalho monográfico apresentado à Banca Examinadora da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência da disciplina Redação Científica, para obtenção do grau de Graduação de Letras.

Aprovada em://

Resultado: _____

Banca examinadora:

Profº. Dr. José Hélder Pinheiro Alves - orientador

Universidade Federal de Campina Grande

Profª. Ms. Aluska Silva Carvalho

Universidade Federal de Campina Grande

DEDICATÓRIA

A quem esteve comigo durante toda a minha existência e a quem devo a vida, minha mãe Maria do Socorro Jorge da Silva e meu pai José Inácio da Silva, que considero os melhores pais do mundo. Também aos meus quatro irmãos Margareth, Luciana, Luciene, Lucimário e , em especial, Lucinaldo por ter ajudado-me sempre.

Ao meu companheiro Genivaldo Alves da Silva, que sempre esteve comigo.

A quem são a razão do meu existir, minhas duas filhas Dáfne e Diana, e também, ao bebê que carrego ainda no ventre.

Ao professor, José Hélder Pinheiro Alves, que me apresentou a literatura de folhetos na academia, o que, até então, sequer imaginava que poderia ser estudada ,e principalmente, por aceitar ser meu orientador, mesmo eu sendo inexperiente na realização da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus que me capacitou e me deu toda força para eu superar os obstáculos da vida.

Aos meus pais que me ensinaram a buscar meu sonho e acreditaram sempre em mim.

Aos meus irmãos, Luciana, Luciene, Lucimário, Margareth, e em especial, Lucinaldo que sempre me apoiou quando eu mais precisei.

A Genivaldo Alves da Silva, pela compreensão das minhas várias ausências na sua vida, por eu sempre estar ocupada, produzindo a monografia, pela presença sempre na minha vida.

As minhas duas filhas Dáfne e Diana minhas fontes de energia e ainda, ao bebê que carrego no ventre.

A minha sogra Neli e meu sogro Genival e ainda as minhas cunhadas e cunhados.

A meu orientador, José Hélder Pinheiro Alves, pela paciência que teve para comigo, pela belíssima dedicação nas orientações, por ter conseguido despertar em mim o interesse pela Literatura Popular.

A todos os meus amigos de curso, principalmente os amigos da turma 2010.1, em especial a Jéssica Soares, Maria Betânia, Stella Soares. Obrigado, amigas, por sempre terem me dado forças.

A todos os meus amigos do dia-a-dia que, direta ou indiretamente, acreditaram em mim e na minha vitória, como, por exemplo, Andria Rosella, Cândida Rafaely, Elaine Arruda, Hermínia Maciel, Ivonete Marques, Luana e Luiza Monteiro, Margareth, Penha Romão.

A todos os meus ex e atuais professores, por terem conseguido essa vitória juntamente comigo, a exemplo de Alexandro Oliveira, Aloísio Dantas, José Mário, Karine Viana, Marta Nóbrega, Maria Auxiliadora, Paloma Oliveira, Sandra Sueli e Tássia Tavares. A Aluska por ter aceitado participar da banca de avaliadores.

*“Sertão, argúem te cantô,
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistéro
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá.”*

(Patativa do Assaré)

RESUMO

Nesta monografia analisaremos quatro poemas de dois importantes poetas populares nordestinos. Primeiro Suspiros de um sertanejo e A seca do Ceará de Leandro Gomes de Barros, e, a seguir, Cante lá que eu canto cá e A morte de Nãna. Os objetivos dessa pesquisa são analisar a presença de aspectos da cultura popular, como festas, alimentação e costumes nos cordéis selecionados; Estudar as possíveis modificações climáticas e seus possíveis efeitos no contexto, assim como, a representação da fauna e da flora; Apontar as características formais de cada poema e aspectos do estilo dos autores. Nosso *corpus* é constituído pelos estudos voltados a temática do sertão e as críticas de ambos os poetas; e pelos poemas que serão objeto de nosso estudo. Apoiamo-nos os de Abreu (1999), Burke (2010), Cascudo(1898), Marinho e Pinheiro (2012), entre outros. O resultado dessa pesquisa nos mostra que apesar de ambos os poetas estarem inseridos no mesmo ambiente(o sertão), cada um o representa de uma maneira diferente. Sendo Leandro Gomes de Barros mais detalhista nos poemas analisados do que Patativa do Assaré, no que se refere a fauna e a flora, por exemplo. Sobre as profissões, concluímos que ambos os poetas destacam o agricultor e a sua lida no roçado, juntamente, com as suas dificuldades no período da seca. Verificamos ainda, que Leandro Gomes de Barros em *Suspiros de um sertanejo* acrescenta uma outra profissão que não encontramos nos outros poemas, que é a do vaqueiro.

Palavras-chaves: Sertão, Leandro Gomes de Barros, Patativa do Assaré.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. LITERATURA DE CORDEL: do surgimento à atualidade	14
1.1. Origem e modificações da literatura de folhetos	14
1.2. Principais representantes da literatura	16
2.SOBRE A REGIÃO SERTANEJA DO NORDESTE BRASILEIRO	19
2.1 Definições de sertão.....	19
2.2. O sertão e o seu clima.....	22
2.3. Geografia do sertão nordestino	23
2.4. Fauna e flora sertaneja.....	25
2.4.1. Fauna.....	25
2.4.2. Flora	28
2.5. Alimentos típicos dos sertanejos	33
2.6. Profissões mais relevantes na região sertaneja	34
3. O SERTÃO DE LEANDRO GOMES DE BARROS E PATATIVA DO ASSARÉ 36	
3.1 Leandro Gomes de Barros	36
3.2. Uma leitura dos poemas <i>Suspiros de um sertanejo</i> , e <i>A seca do Ceará</i>	38
3.2.1 <i>Suspiros de um sertanejo</i>	39
3.2.2. <i>A seca do Ceará</i>	44
3.3. Patativa do Assaré.....	48
3.4. Uma leitura dos poemas <i>Cante lá que eu canto cá</i> e <i>A morte de Nanã</i>	52
3.4.1. <i>Cante lá que eu canto cá</i>	52
3.4.2. <i>A morte de Nanã</i>	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64

ANEXOS	67
Anexo 1.....	67
Anexo 2.....	67
Anexo 3.....	68
Anexo 4.....	70
Anexo 5.....	78
Anexo 6	82
Anexo 7.....	85

INTRODUÇÃO

A denominada literatura regionalista nordestina, que entre nós teve seu ponto alto na década de 30 do século passado aborda os temas relacionados ao sertão. Podemos destacar os romances "*Menino de engenho*" de José Lins do Rêgo, "*São Bernardo*" e "*Vidas secas*" de Graciliano Ramos, "*O quinze*" de Rachel de Queiroz ou poemas narrativos como o intitulado *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, dentre inúmeros outros.

Na literatura de cordel, também conhecida como literatura de folhetos a maioria dos poetas representam o sertão, no entanto, isso ocorre de uma maneira particular, pois depende da sua experiência e do contato com os costumes e a cultura que envolve essa região do país.

Sabemos que todos os povos tiveram uma literatura oral, expressa por meio, das cantigas anônimas. Abreu (1999), ao comparar a literatura de cordel brasileira e a portuguesa, afirma que nesta última existiam adaptadores de textos de sucesso. Muitos dos textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade e os enredos tinham origem na escrita com temas que demonstravam a vida dos nobres e cavaleiros. Já no Brasil a literatura de folhetos iniciou o seu processo de formação na oralidade quando ainda não existia a impressão.

Ainda segundo Abreu (op. cit.) uma das práticas que mais contribuíram para a criação da literatura de folhetos foram as cantorias realizadas nos primeiros séculos da história do Brasil que apesar de não serem encontrados nenhum de seus registros, (pois temos apenas algumas notícias dessas cantorias preservadas já por volta dos anos 1800), tiveram um papel significativo para a literatura de folhetos brasileira que no final do século XIX e os anos 20 do século XX desvinculou-se da literatura existente em Portugal.

Inicialmente, os autores dos folhetos não viviam de compor e vender os seus versos, no entanto, pouco a pouco, isso foi modificando-se. No início do século XX, na literatura de folhetos brasileira, dentre os pioneiros na publicação sistemática está Leandro Gomes de Barros, que ainda segundo Abreu (1999) inovou a maneira de se preservar e universalizar a arte considerada popular, já que ela, até então, não havia

sido publicada, pois havia uma resistência por parte dos poetas que acreditavam ser melhor conservá-los exclusivamente para apresentações orais.

Mais recentemente (1909-2002), destacamos, Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido por Patativa do Assaré que é um poeta popular nascido no Ceará e que trabalhou na lavoura a vida inteira vivenciando a realidade dura do agricultor sertanejo. Apesar de possuir uma obra vasta e riquíssima que nasce da sua própria experiência sertaneja não publicou muitos folhetos, apenas posteriormente, publicou seus poemas em livros, o que contribui para defini-lo como um poeta popular e não propriamente como um cordelista.

Sabemos que a maioria das manifestações artísticas ao serem classificadas como “populares” não recebem a sua devida atenção, sobretudo no âmbito dos estudos acadêmicos, no entanto, isto tem mudado bastante nos últimos anos e é o que acontece com a literatura popular, que embora não seja valorizada como deveria, atualmente, está sendo reconhecida como uma literatura variada e riquíssima, digna de ser estudada, inclusive na academia, onde vem destacando-se cada vez mais.

Pude conhecer mais detidamente a literatura popular através da disciplina optativa, intitulada "Literatura Popular" oferecida pelo curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande no período de 2013.2, ministrada pelo professor José Hélder Pinheiro Alves. Tal disciplina, permitiu-me refletir sobre a literatura que cresci tendo contato e ouvindo, através do meu pai (que sempre gostou das cantorias e folhetos). Dessa maneira, conclui que poderia estudar uma literatura que havia sido apresentada a mim antes mesmo de ser alfabetizada e que me encantava com a sua riqueza de detalhes, ritmos e narrações de acontecimentos que faziam parte da minha vivência nordestina.

Como usuária da língua portuguesa utilizada no nordeste chamou-me atenção a literatura de cordel, também, por estar intimamente ligada à oralidade nordestina e por possuir poucos estudos quando relacionada a outras áreas da literatura. Já o tema do sertão será trabalhado por ser muito abordado nos poemas e por apontar os costumes e a cultura dessa região do país, na qual, compartilho muitas de suas particularidades.

Quanto aos dois poetas populares escolhidos para serem estudados (Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré), pude conhecê-los melhor na disciplina já citada e foram selecionados por terem um papel de destaque na literatura de folhetos e ainda, por apresentarem várias obras que tematizam o sertão.

Neste trabalho, pretendemos estudar a representação do sertão em poemas destes poetas. Dos poemas de Leandro Gomes de Barros estudaremos *Suspiros de um sertanejo* e *A seca do Ceará*, já dos de Patativa do Assaré, nos enfocaremos nos intitulados *Cante lá que eu canto cá* e *A morte de Nanã*.

Com isso, propomos a realização dessa pesquisa, procurando responder a seguinte questão: Como o sertão é representado em poemas de Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré?

Para responder essa pergunta, vemos como objetivo geral estudar a representação do sertão em poemas de Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré.

. A partir dessa proposta, levantamos os seguintes objetivos específicos: (1) Analisar a presença de aspectos da cultura popular, como festas, alimentação e costumes nos cordéis selecionados; (2) Estudar as possíveis modificações climáticas e seus possíveis efeitos no contexto, assim como, a representação da fauna e da flora; (3) Apontar as características formais de cada poema e aspectos do estilo dos autores.

Esta pesquisa vai contribuir para se entender a representação do sertão na literatura de cordel brasileira, mais especificamente nos poemas já citados. Para isso, fundamentamo-nos em estudos como os de Abreu (1999), Burke (2010), Cascudo(1898), Chartier (1945), Marinho e Pinheiro (2012), entre outros.

Os capítulos dessa monografia têm conteúdos referentes ao estudo do sertão nordestino, da literatura de folhetos brasileira, e dos poetas selecionados que são Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré. O primeiro capítulo abordará brevemente a literatura de cordel, sua origem, suas modificações e os seus principais representantes. No segundo, apresentará o sertão nordestino a sua

definição em alguns dicionários da língua portuguesa, em seu clima, geografia, fauna e flora, alimentos típicos e profissões mais relevantes nessa região. Já no terceiro capítulo, mostraremos alguns dados biográficos importantes dos autores selecionados e ainda, uma análise dos poemas já citados anteriormente, priorizando os aspectos que revelam as particularidades do sertão, que aparecem no segundo capítulo.

1.LITERATURA POPULAR: do surgimento à atualidade

O capítulo a seguir apresentará alguns aspectos da literatura de folhetos brasileira, descreveremos um pouco da sua origem, desde que veio de Portugal ao Brasil, juntamente com a sua evolução até os dias atuais, e trará ainda seus principais representantes.

1.1. Origem e modificações da literatura de folhetos

Atribuir uma relação próxima das cantorias com os folhetos é uma atitude de muitos estudiosos dessa área, temos um ensaio de Elba Braga Ramalho (2001) que faz parte de algumas ideias desenvolvidas em tese inédita na Universidade Estadual do Ceará, como um dos requisitos para o concurso de professor titular. A autora cita mais escritores que compartilham a ideia de que as cantorias influenciaram os folhetos nordestinos, como mostra o trecho a seguir:

O papel da cantoria no contexto da tradição oral encontra-se bem delineado nos trabalhos de Ronald Daus (1982) e Elizabeth Travassos (1988, 1989, 1997a, 1997b). Todos situam-na como o berço de várias outras formas de expressão: o repente, a épica e os folhetos.(RAMALHO, 2001)

Dessa maneira, as cantorias assumem um papel importante na constituição dos folhetos nordestinos no início de sua formação, pois são descritas como o berço dessa literatura.

A literatura de folhetos que existia em Portugal sofreu grandes modificações antes de sua propagação no Brasil. Abreu (1999) ao estudar essa literatura tanto em Portugal quanto no Brasil estabelece as suas particularidades:

Diferentemente da literatura de cordel portuguesa, que não possui uniformidade, a literatura de folhetos produzida no Nordeste do Brasil é bastante codificada. Pode-se acompanhar o processo de constituição desta forma literária examinando-se as sessões de cantoria e os folhetos publicados entre finais do século XIX e os últimos anos da década de 1920, período no qual se definem as características fundamentais desta literatura, chegando-se a uma forma “canônica”.(ABREU, 1999,p.73)

Segundo a autora a literatura de cordel portuguesa não era uniforme, enquanto que a literatura de folhetos nordestina apesar de passar por um lento processo atingiu uma forma "canônica que , ainda segundo ela , pode ser identificada através de estudos feitos nos folhetos e cantorias da época de seu surgimento.

Ainda sobre as modificações da literatura de cordel portuguesa e a literatura de folhetos nordestina, Abreu(Op.cit.) estabelece as diferenças existentes entre elas:

Assim, entre o final do século XIX e os anos 20, a literatura de folhetos consolida-se: definem-se as características gráficas, o processo de composição, edição e comercialização e constitui-se um público para essa literatura. Nada nesse processo parece lembrar a literatura de cordel portuguesa. Aqui, haviam autores que viviam de compor e vender seus versos;lá, existiam adaptadores de textos de sucesso. Aqui, os autores e parcela significativa do público pertenciam às camadas populares; lá, os textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade. Aqui, os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral,no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos; lá, as matrizes das quais se extraíam os cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita. Aqui, boa parte dos folhetos tematizavam o cotidiano nordestino;lá, interessavam mais as vidas de nobres e cavaleiros. Aqui, os poetas eram proprietários de sua obra, podendo vendê-la a editores, que por sua vez também eram autores de folhetos; lá, os editores trabalhavam fundamentalmente com obras de domínio público. (ABREU,1999,p.104)

De acordo com a autora a literatura de folhetos que encontramos no nordeste brasileiro, opõem-se a existente em Portugal. A primeira, sendo mais popular(com temas relacionados a vida dos nordestinos), e a segunda mais erudita (com temas relacionados a vida dos nobres e cavaleiros).

Sobre a literatura de cordel encontrada no Brasil por volta do final do século XIX e início do século XX) Marinho e Pinheiro (2012) pontuam que:

Como toda produção cultural, o cordel vive períodos de fartura e escassez. Hoje existem poetas populares espalhados por todo o país, vivendo em diferentes situações, compartilhando experiências distintas, mas no final do século XIX e início do século XX, o cordel fazia parte da vida de nordestinos que viviam no campo, dependente da agricultura ou ainda nas cidades, com seus pequenos comércios.(MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 17)

Segundo os autores, o cordel produzido no final do século XIX e início do século XX, era produzido pelos nordestinos que se dedicavam a agricultura ou a pequenos comércios, no entanto, atualmente, nas diversas regiões do país encontramos cordelistas com profissões variadas.

Essa situação foi modificando-se pouco a pouco e com o decorrer do tempo os poetas conseguiram sobreviver de suas composições. Eles passaram a produzir os seus folhetos e a datilografá-los em casa, juntamente com suas famílias, que também trabalhavam nestas impressões e vendas.

Diante disso, o tópico seguinte apresentará os principais representantes da literatura popular nordestina.

1.2. Principais representantes da literatura

Inúmeros poetas contribuíram e ainda contribuem com a literatura de folhetos existente no nordeste brasileiro, no entanto, iremos destacar apenas quatro deles, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Atháide, Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré.

Referindo-se as obras artísticas desenvolvidas por escritores sertanejos Gustavo Barroso(1949) aponta as suas características e esclarece o motivo pelo qual essas produções possuem tais nuances.

Nenhuma sátira mais terrível do que a dos sertanejos nordestinos. Talvez por ser sua vida verdadeira epopéia de resistência e dor. Com ironia percuciente, com uma finura que transparece através dos rudes versos de seus cantadores, zomba dos governos e dos homens , diz as verdades mais contundentes, mete à bulha a vacina obrigatória, o imposto, o serviço militar, todas as medidas administrativas que lhe chegam em casa para restringir sua imensa liberdade , único tesouro que possui numa região assolada de secas periódicas, sem estradas, sem escolas, sem justiça. (BARROSO, 1949.p. 413.)

Barroso(Op.cit) afirma que a sátira dos poetas sertanejos é mais profunda, pelo fato da sua vida ser uma "epopéia de resistência e dor". Essa resistência e essa dor originam-se do fato dos sertanejos enfrentarem a cada ano os efeitos desastrosos da seca. O autor pontua ainda que os folhetos juntamente com a sua

sátira são o "único tesouro" que há nessa região, já que lhes falta as condições mínimas de sobrevivência.

Iniciaremos com o poeta paraibano Francisco das Chagas Batista, nasceu na Vila do Teixeira, em cinco de maio de 1882 e faleceu em João Pessoa no dia vinte e seis de janeiro de 1930. Trabalhou vendendo água e lenha em 1900 e estudou em Campina Grande. Seu primeiro folheto, é intitulado *Saudades do sertão*, e foi publicado em 1902. Tornou-se dono de uma editora de folhetos. Vejamos a sua imagem abaixo:



Disponível em: www.acordacordel.blogspot.com. Acessado em: 04/11/2015.

Destacamos também, o poeta João Martins de Atháide que foi o primeiro editor-proprietário importante. Nasceu no dia 23 de junho de 1880 na Paraíba em Ingá do Bacamarte. Faleceu no estado do Pernambuco na cidade de Limoeiro no ano de 1959. O seu primeiro folheto foi publicado em 1908 e se intitulava *Um preto e um branco apurando qualidades*. Vale ressaltar que foi o editor- proprietário das obras de vários cordelista, dentre eles, Leandro Gomes de Barros. Vejamos a sua imagem abaixo:



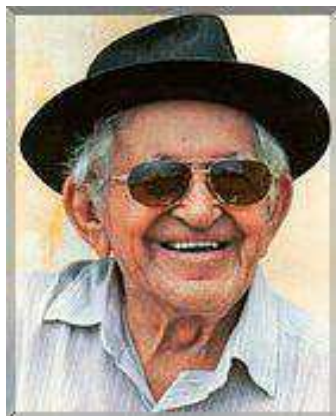
Disponível em: www.memoriasdocordel.com.br. Acessado em: 04/11/2015.

Para muitos estudiosos da literatura de cordel, dentre eles Abreu(Op.cit) o pioneiro responsável pela publicação sistemática dos cordéis foi Leandro Gomes de Barros, um dos poetas populares que mais se destaca na literatura popular brasileira. Sua contribuição chegou a mais de 600 folhetos, com temas que permanecem atuais. Vejamos a sua imagem abaixo:



Disponível em: www.algosobre.com.br. Acessado em: 04/11/2015.

Já mais recentemente(1909-2002), temos outro grande poeta popular que deve ser destacado que é Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré que apesar de não ser um cordelista propriamente dito, como Leandro, deu uma enorme contribuição para essa literatura. Tal poeta apesar de ter poucos estudos defendia a classe menos valorizada do sertão, como o pequeno agricultor. Vejamos a sua imagem abaixo:



Disponível em: www.brasileiros.com.br. Acessado em: 04/11/2015.

Posteriormente, iremos nos deter neste dois últimos poetas mencionados, já que são autores dos poemas que são objeto de nosso estudo, no entanto, no capítulo que se segue, iremos apresentar brevemente do sertão nordestino.

2. SOBRE A REGIÃO SERTANEJA DO NORDESTE BRASILEIRO

O capítulo a seguir apresentará o sertão do nordeste brasileiro, juntamente com a sua descrição em dicionários da língua portuguesa, o seu clima, profissões mais frequentes, alimentação, geografia e trará, ainda, a fauna e a flora típicas dessa região.

2.1 Definições de sertão

Com o intuito de compreender o significado do termo sertão, utilizado no decorrer desta pesquisa, iremos apresentar o significado atribuído em alguns exemplares de dicionários.

Os estudiosos utilizam-se das variadas características do sertão que podem ser relevantes na construção da definição desse termo, no entanto, encontramos alguns que dedicam-se apenas a uma dessas dimensões, como ocorre com o dicionário intitulado Caldas Aulete - minidicionário contemporâneo da língua portuguesa (org. Paulo Geiger 2011): "Sertão (ser.tão) sm. Bras. Região agreste, esp. do interior do país. [Pl.: -tões.][F.: De or.obsc.]".

Nesta descrição, encontramos exclusivamente o aspecto puramente geográfico do sertão, já que temos apenas informações acerca de sua localização no Brasil, assim, se ignora as diversas características que envolvem essa região, como as suas riquíssimas fauna e flora, seus costumes e credices, entre outros.

Para demonstrar o quanto o aspecto geográfico é ressaltado nos dicionários, podemos apresentar ainda o Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras-Língua portuguesa (Evanildo Bechara. org. 2011): Sertão (ser.tão) s.m. Região com solo pedregoso e vegetação característica de lugares secos, situada no interior do país.

Aqui, encontramos uma ênfase geográfica tanto ao referir-se ao interior do país quanto ao solo sertanejo caracterizado pelo autor, como pedregoso. Vale salientar, que ,predominantemente, o solo do sertão , possui baixa capacidade de infiltração, portanto, não é exclusivamente, pedregoso, como é indicado na definição

acima. Temos ainda, a presença de sua flora com vegetação que é descrita como a típica de localizações secas.

Neste mesmo aspecto, temos ainda o Dicionário didático de língua portuguesa: ensino fundamental 1 / editor responsável : Rogério de Araújo Ramos .2 .ed. - São Paulo : edições SM, 2011): Sertão (ser.tão) (pl. sertões) sm. Região semiárida e seca, distante das áreas urbanizadas, cujo o solo é pedregoso e a vegetação é escassa.

Notamos que como nos outros dicionários já citados, este detêm-se as características geográficas, enfatizando a região semi árida, com clima seco e situada em locais distanciados das áreas urbanas, com solo pedregoso e sua flora com vegetação insuficiente.

Já no dicionário nomeado Aurélio Júnior - dicionário escolar da língua portuguesa (2011): Ser.tão subst. masc. Brasileirismo Geografia Zona pouco povoada do interior do país , mais seca do que a caatinga. [Plural: sertões.]. Encontramos um enfoque na quantidade de habitantes e também na seca recorrente na região sertaneja.

Neste dicionário encontramos uma descrição voltada aos aspectos mais geográficos do sertão, pois temos a menção de que o sertão é uma zona pouco povoada do interior do país, e que ainda é mais seca que a própria caatinga, já reconhecida pela sua fauna e flora típicas de ambientes secos e quentes.

Os dicionários além de apresentarem suas concepções, podem trazer citações de outros estudiosos para valorizar as suas concepções. Como ocorre com o "Saraiva Jovem: dicionário da língua portuguesa ilustrado" (2010).

Sertão (ser.tão)sm Bras Lugar pouco habitado no interior do país, em especial a região com clima semi árido ("Da largura que a terra do Brasil tem para o sertão não trato, porque até agora não houve quem a andasse, por negligência dos portugueses que, sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam delas, mas contentam-se de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos.", História do Brasil: 1500-1627, Frei Vicente de Salvador.) Pl sertões. (2010)

No dicionário (op. cit.), a noção de sertão é descrita baseando-se no número de habitantes da região e de acordo com as informações geográficas da área

sertaneja, assim, destacam-se a sua localização no interior do país e o seu clima predominantemente semi árido. E ainda, em algo não muito comum nos dicionários, uma citação de Frei Vicente de Salvador(1500-1627) em que a noção de espaço imenso e inexplorado é realçada. Nesta descrição o autor, considera como atual uma publicação feita entre 1500 e 1627, no entanto, sabemos que ,atualmente, o sertão não é uma região pouco habitada.

Após identificarmos diferentes definições do termo sertão em dicionários distintos, podemos perceber que apesar de apresentar de maneira diversa a sua descrição, todos apresentam suas considerações baseando-se no clima seco e semi árido, e principalmente, nos dados geográficos, pois todos destacam a sua localização no interior do país. Dessa maneira, enfatiza-se a distância que há entre o sertão e as regiões consideradas como os grandes centros urbanos, e assim, proporcionando uma ideia de isolamento e atraso.

Sabemos que, contemporaneamente, inúmeros estudos são voltados ao sertão e suas particularidades regionais, no entanto, cada estudioso enfatiza aspectos diversos, alguns detêm-se ao ambiente, outros a fauna e a flora, entre outros.

Segundo Chacon (2007), o sentido da palavra sertão define "um lugar de não poder" e está intimamente interligado a sua geografia e ,consequentemente, a função de poder que ele exerce quando relacionado a outras regiões.

Desde o início, o Sertão semi-árido do nordeste do Brasil era visto como um lugar a ser explorado. Barbosa (2000b, p.35) resgata o sentido original da palavra Sertão e constata que, desde o princípio ela designa "um espaço de não –poder".A autora chama o Sertão de "outro lugar". Este "outro" é, em sua concepção de base histórica, aquele que está excluído da lógica ou do circuito formal do poder vigente em seu tempo. Ou seja, no caso do Sertão, seus habitantes não estavam subordinados a organização institucional da Colônia, por isso mesmo, eram excluídos de qualquer arranjo decisório, sendo dispostos, se fosse o caso, ao sabor do interesse dos poderosos, ou por este esquecidos, conforme o momento político, que normalmente se conduzia conforme os ditames da produção.(CHACON, 2007.p. 81)

Houve épocas em que a região sertaneja não era valorizada pelos governantes e por muitas décadas a sua população não obteve a devida atenção no que diz respeito as condições mínimas de sobrevivência. Atualmente, esta situação vem sendo modificada e os sertanejos passaram a ser inclusos no chamado "circuito

formal de poder".Após discutirmos as significações atribuídas ao termo sertão, iremos no tópico seguinte, apresentar o seu clima.

2.2. O sertão e o seu clima

O clima na região sertaneja é predominantemente semi-árido caracteriza-se pela escassez e pela irregularidade de chuvas. João Suassuna, Engenheiro Agrônomo e Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco referindo-se ao sertão nordestino afirma que o seu clima é seco e quente.

A região semi-árida nordestina é, fundamentalmente, caracterizada pela ocorrência do bioma da caatinga, que constitui o sertão. O sertão nordestino apresenta clima seco e quente, com chuvas que se concentram nas estações de verão e outono. A região sofre a influência direta de várias massas de ar (a Equatorial Atlântica, a Equatorial Continental, a Polar e as Tépidas Atlântica e Calaariana) que, de certa forma, interferem na formação do seu clima, mas essas massas adentram o interior do Nordeste com pouca energia, tornando extremamente variáveis não apenas os volumes das precipitações caídas mas, principalmente, os intervalos entre as chuvas. (SUASSUNA, 2002).

O fato de seu clima ser seco e quente é apresentado como sendo influência das inúmeras massas de ar que entram no interior do nordeste de maneira descontínua e que favorecem o seu bioma da caatinga.

.Ao mencionarmos o sertão, lembramos imediatamente de um fenômeno ligado ao seu clima, que é a seca. A seca do sertão foi e continua sendo abordada em diversas obras literárias e em épocas distintas, sejam elas canônicas ou populares.

A respeito da recorrência do tema da seca na literatura de cordel, Curran (2014) destaca dentre as obras consideradas populares a intitulada "A cheia do Recife e do Interior", e "Os horrores da seca do nordeste".

Outro tema que vem de longe na literatura de cordel, como vem de longe na história do nordeste, é sobre o desastre natural. Os que tratam as secas (problema ainda não resolvido) ao decorrer da história nordestina facilmente poderiam ser incluídos em nossa categoria de "A realidade econômica: a luta de sobreviver" desde que é precisamente este problema que criam na vida do nordestino. Os técnicos do progresso e desenvolvimento econômico da região dos tempos modernos ainda não chegaram a controlar a natureza, por isso, estes fenômenos ainda aparecem no cordel. Citamos

histórias como "A cheia do Recife e do Interior", "Os horrores da seca do nordeste", como exemplos do tema. (CURRAN, 2014, p. 227)

Os sertanejos passaram e continuam passando por imensas dificuldades no que se refere à falta de água tanto para o seu consumo diário quanto para a manutenção dos animais e da sua agricultura. Este cenário vem modificando-se por meio de um processo lento. Atualmente, políticas governamentais estão envolvidas para a solução dos problemas da seca que afeta a vida de milhares de sertanejos que tentam minimizar sabiamente os efeitos desastrosos desse período, como Andrade (1986) revela:

No estio, o pasto não é suficiente e o gado é retirado para as serras onde há pastagem mais abundante. Estas serras são consideradas o "refrigério" do gado, e a sua existência é a razão de ser da pecuária sertaneja em grandes áreas. (ANDRADE, 1986, p. 150).

Como Andrade (Op.cit.) esclarece os sertanejos buscam alternativas para diminuir esses efeitos desastrosos da seca. Atualmente, foram criados programas que constroem reservatórios para o armazenamento da água da chuva e que também apóiam a agricultura familiar, distribuindo, inclusive, várias sementes que são cultivadas sem o uso de agrotóxicos.

Dentre esses programas, podemos destacar o nomeado *Garantia-Safra* que se trata de uma linha de crédito especial no Banco do Nordeste. E o intitulado *Bolsa Estiagem* que paga, aos agricultores familiares que não aderiram ao *Garantia-Safra*, o valor de R\$ 400,00 divididos em cinco parcelas. E ainda, o *Programa Água para Todos* que constrói cisternas em propriedades rurais.

2.3. Geografia do sertão nordestino

Geograficamente, podemos afirmar que os movimentos populacionais do sertão nordestino partiram de Salvador e Olinda, como o trecho escrito por Andrade (1986) a seguir descreve:

O sertão nordestino foi integrado na colonização portuguesa graças a movimentos populacionais partidos de dois focos: Salvador e Olinda. Foram essas duas cidades que se desenvolveram como centros de áreas de terras férteis de "massapé" e, conseqüentemente, como centros açucareiros que comandaram a arremetida para os sertões à cata de terra onde se fizesse a criação de gado, indispensável ao fornecimento de animais de trabalho –

bois e cavalos – engenhos e ao abastecimento dos centros urbanos em desenvolvimento. (ANDRADE, 1986,p. 147)

Com o passar dos anos o sertão foi sendo povoado, até que atingiu a maior área de extensão do nordeste. Como podemos observar no mapa abaixo:



Disponível em: www.infoescola.com. Acessado em: 02/05/2015

Hoje, a região sertaneja em sua geografia está localizada em uma área de transição entre as sub-regiões do agreste (seco) e meio-norte (úmido). Compreende uma faixa que vai desde o litoral do Rio Grande do Norte (até perto de Natal) e Ceará até a região sudoeste da Bahia, passando pelos estados de Pernambuco, Paraíba (exceto o litoral), um pouco da região noroeste de Alagoas e Sergipe, e quase todo o estado do Piauí, com exceção da parte mais próxima à fronteira com o Maranhão.

Referindo-se ao relevo, o solo e a vegetação (típica da caatinga), encontrada no sertão, Suassuna (2002) aponta as suas características principais:

O relevo do sertão é marcado pela presença de depressões interplanálticas transformadas em verdadeiras planícies de erosão, devido à grande extensão dos pediplanos secos bem conservados, embora em processo de erosão. Os solos são, em geral, pedregosos e pouco profundos. Seus principais tipos são o bruno-não-cálcico, os planossolos, os solos litólicos e os regossolos, todos inadequados para uma agricultura convencional.

Porém ocorrem, também, vários tipos de solos com vocação agrícola. A caatinga, vegetação xerófila aberta, de aspecto agressivo devido à abundância de cactáceas colunares e, também, pela freqüência dos arbustos e árvores com espinhos, distingue fisionomicamente essa região. No entanto, encontram-se, encravadas nessa extensa região, áreas privilegiadas por chuvas orográficas, isto é, causadas pela presença de serras e outras elevações topográficas, que permitem a existência de matas úmidas, regionalmente conhecidas como brejos. São os brejos de altitude do Nordeste. (SUASSUNA2002).

Contradizendo o que muitos pensam sobre os solos presentes no sertão o autor, concorda que existem muitos solos inadequados para a atividade agrícola, mas que em contrapartida encontramos inúmeros solos propícios à prática agrícola, nomeados de brejos. Apesar do solo ser extremamente seco e de difícil penetração da água, no período do inverno na maiorias das cidades dessa região, encontramos lavouras que são cultivadas pelos pequenos agricultores.

Após conhecermos melhor a geografia do sertão, iremos expor no tópico seguinte, um pouco de sua variada fauna e flora.

2.4. Fauna e flora sertaneja

Referindo-se à fauna e flora existente no sertão nordestino Leal, Tabarelli e Silva (2005) esclarecem que embora a seca seja frequente, proporcionando uma vegetação seca e também a falta d'agua, ambas são diversas.

A vegetação da caatinga não apresenta a exuberância verde das florestas tropicais úmidas e o aspecto seco das fisionomias dominadas por cactos e arbustos sugere uma baixa diversificação da fauna e flora. Para desvendar sua riqueza, é necessário um olhar mais atento, mais aberto. Assim ela revela sua grande biodiversidade, sua relevância biológica e sua beleza peculiar. (LEAL, TABARELLI E SILVA, 2005)

O fato da região sofrer com a falta da chuva por longos períodos, contribui para que a sua vegetação seja seca o que nos revela uma paisagem sem diversidade, no entanto, com mais atenção, podemos perceber animais e plantas que resistem insistentemente aos efeitos da seca.

2.4.1. Fauna

Quanto à fauna existente nesta região é diversa e é composta por inúmeras aves, répteis, roedores, anfíbios, primatas e caprinos. Dentre os estudos sobre o

bioma da caatinga temos o artigo de Fernando Gewandszajder e Sérgio Linhares (1998).

A maioria dos animais da caatinga tem hábitos noturnos, o que evita que se movimentem em horas mais quentes. Os lagartos são muito comuns na região: 47 espécies deles já foram catalogadas. Entre elas estão o calango verde e o calanguinho. (GEWANDSZBAJDER E LINHARES, 1998).

Neste trecho, os autores destacam os animais que saem durante a noite à procura de alimentos, como é o exemplo do calango, com 47 espécies identificadas oficialmente. Vejamos apenas duas dessas espécies, primeiro(da esquerda) o calango verde e o segundo (da direita) o calango do sertão.



Disponível em: www.herpetofauna.com.br , www.twitter.com. Acessado em: 10/08/2015.

Dentre as aves, podemos ressaltar as rolinhas, que fizeram parte da alimentação antes de entrarem em extinção e a tão famosa asa branca, que ficou conhecida através da música de Luís Gonzaga. O urubu-rei responsável pela limpeza dos restos mortais dos animais que morrem na região. Por fim, o soldadinho do araripe, uma ave muito comum na região e que infelizmente, encontra-se em extinção e ainda, o beija-flor, a lavandeira e as arribações, as aves saudadas pelo seu canto com o galo-de-campina e a sabiá. Vejamos da esquerda para a direita, a asa-branca, a rolinha e o urubu-rei.



Disponível em: www.onordeste.com, commons.wikimedia.org, pt.wikipedia.org. Acessado em: 05/10/2015.

Já dos répteis podemos mencionar o tatu-peba, o tatu-bola da caatinga o teju da caatinga, e ainda, o camaleão, ambos utilizados como alimentos, antes de entrarem em extinção. Também presentes em romances considerados regionalistas como "Grande sertão veredas" de João Guimarães Rosa (1956) : "Era um tatu, que ia entrando no buraco, fungou e escutei o esfrego de suas muxibas. Tatu-peba, e eu no rés dele."



Disponível em: www.g1.globo.com, www.luizflorentino.comunidades.net, www.herpetofauna.com.br, www.frigoletto.com.br. Acessado em: 20/06/2015.

Dos roedores podemos citar o mocó e o preá da caatinga. Este último também aparece em várias obras consideradas regionalistas, como por exemplo, o romance intitulado "Vidas secas" de Graciliano Ramos. (1938): "Naquela viagem arrastada, em tempo de seca braba, quando estavam todos morrendo de fome, a cadelinha tinha trazido para eles um *preá*". Vejamos a imagem do mocó:



Disponível em: www.flickrriver.com. Acessado em: 15/06/2015.

Temos além disso, os anfíbios como o sapo-cururu e a jia de parede. O primeiro citado em cantigas infantis populares como a intitulada *Sapo-cururu*.

Sapo cururu,
Na beira do rio,
Quando o sapo canta, ô maninha,
É porque tem frio.

A mulher do sapo,
Deve estar lá dentro,
Fazendo rendinha, ô maninha,
Para o casamento.

Dos primatas, temos o sagui de tufo branco, encontrado com bastante facilidade em toda essa região. Já que eles possuem poucos predadores e reproduzem-se rapidamente. Vejamos um animal dessa espécie, abaixo:



Disponível em: deuciarruda.zip.net . Acessado em: 24/05/2015.

Dos caprinos, temos os bodes e as cabras que se consome o leite e a carne nos alimentos típicos da região, como a famosa buchada, feita com as vísceras desse animal. Anteriormente, utilizava-s o seu couro no artesanato, geralmente, para a fabricação de chinelos, chapéus, e casacos usados pelos vaqueiros na lida diária no campo, atualmente, esse tipo de artesanato praticamente desapareceu.

Por fim, encontramos os animais que auxiliam o homem na lida diária, como o jumento, saudado também pelo rei do baião na música “O jumento é nosso irmão” e no cordel de Sebastião Chicute de mesmo título da música. E ainda, o gado que fornece o leite e seus derivados e a carne. Para ver mais animais (Vide o anexo 1).

2.4.2. Flora

Já no que se refere a sua flora existem várias espécies de plantas típicas que não são encontradas com abundância em outras regiões do país, dentre elas, temos, a carnaúba que é fabricada a cera, e também a palha na produção de bolsas, chapéus e vassouras, entre outros, e ainda como cobertura do solo que será usado nos roçados e nas plantações de palmas, tão características dessa região. A seguir, vejamos a sua imagem e de alguns desses produtos artesanais.



Disponível em: mulher.uol.com.br, www.cnip.org.br, tonymartins.zip.net. Acessado em: 20/06/2015.

O cardeiro uma espécie de cacto que é utilizado para a alimentação do gado. Representado na pintura por Tarsila do Amaral em vários de seus quadros, como o intitulado *Abaporu*. Como podemos perceber abaixo:



Disponível em: www.portaldarte.com.br. Acessado em: 03/06/2015

O mandacaru, ou como também é conhecido facheiro é encontrado com abundância na região sertaneja., a respeito dele a Agência Embrapa de Informação Tecnológica declara que:

A altura, que pode chegar a 10m, dá a esse cacto a característica de grande porte. O tronco e as ramificações têm coloração verde escura e são dotados de espinhos agudos e amarelados. As flores são grandes, isoladas e alvas com a base arroxeadas. Os frutos, comestíveis, são achatados. A floração ocorre entre os meses de setembro e outubro, a frutificação é registrada em dezembro e janeiro, e sua reprodução pode ser feita por sementes ou por estacas do caule. O facheiro quando jovem é desprovido dos espinhos e serve para alimentação de animais. De acordo com a análise bromatológica da parte aérea apresenta 15,66% de proteína bruta, 1,50% de extrato etéreo, 5,32% de fibra bruta, 2,04% de tanino e 35,97% de amido.

Disponível em: http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/bioma_caatinga/arvore/CONT00g79856tg02wx5ok0wtedt36gks6y7.html. Acessado em: 14/05/2015.

Segundo a Embrapa o mandacaru é uma das alternativas encontradas pelos sertanejos na alimentação de seus animais nos períodos em que a comida é

escassa. Ficou conhecido nacionalmente através da música "O xote das meninas" do ilustre Luiz Gonzaga acompanhado por Zé Dantas:

Mandacaru quando "fulora" na seca
É o sinal que a chuva chega no sertão
Toda menina que enjoa da boneca
É sinal que o amor já chegou no coração

Meia comprida
Não quer mais sapato baixo
Vestido bem cintado
Não quer mais vestir timão

Ela só quer
Só pensa em namorar
Ela só quer
Só pensa em namorar

De manhã cedo já tá pintada
Só vive suspirando, sonhando acordada
O pai leva ao "dotô" a filha adoentada
Não come, nem estuda
Não dorme, não quer nada

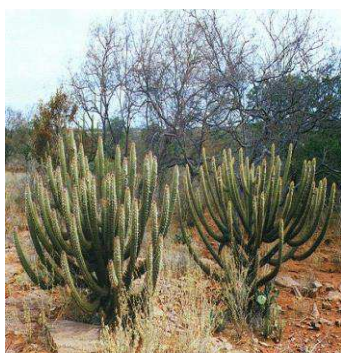
Ela só quer
Só pensa em namorar
Ela só quer
Só pensa em namorar

Mas o "dotô" nem examina
Chamando o pai do lado
Lhe diz logo em surdina
Que o mal é da idade
Que pra tal menina
Não tem um só remédio
Em toda medicina

Ela só quer
Só pensa em namorar
Ela só quer
Só pensa em namorar

(Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1953)

O xique-xique uma planta espinhosa que pode atingir aproximadamente dez metros com galhos que se espalham formando um ambiente propício para os ninhos de passarinhos. No período de estiagem utilizado com frequência como alimento para os bodes e também o gado. Suas flores são rosadas e aparecem, geralmente, no mês de dezembro e janeiro. Vejamos essa planta abaixo:



Disponível em: pro.casa.abril.com.br. Acessado em: 05/10/2015.

A urtiga branca e a urtiga brava são plantas com pequenos espinhos que causam coceira ao entrarem em contato com a pele e que apesar de não ser

utilizado com frequência pode ser adicionado a remédios caseiros para animais e até pessoas.

A jurema unha-de-gato, jurema branca uma planta espinhosa que serve para a lenha e também para a produção de calvão e que muitos acreditam que revela quando o tempo de inverno está próximo, pois as suas flores aparecem.

A algarroba uma árvore que alcança grandes alturas, serve como sombra para os animais e o homem e que produz bagens que são destinadas a alimentação tanto do gado quanto dos caprinos. Vejamos a essa árvore e as suas bagens:

:



Disponível em: www.blogdowilrismar.com, www.imagenoro2000.com. Acessado em: 05/10/2015.

O juazeiro é outra planta que também atinge grandes alturas e com isso, também proporciona sombra e permanece com suas folhas verdes durante todo o período de estiagem. Como demonstra o trecho do romance "Vidas secas" de Graciliano Ramos (1938) Capítulo I :

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. (RAMOS, 1938)

O mulungu é uma planta alta com tronco grosso que serve como sombra para os animais e pessoas quando estão no campo fugindo do sol escaldante. Tal planta, também é vista em várias obras consideradas regionalistas como a intitulada

Vidas secas de Graciliano Ramos (1938, capítulo XII): "O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo."

O Jucá, ou cipó de boi uma espécie de corda que serve de matéria prima para o artesanato e confecção de balaies, cestas e casuás (usados nos jumentos para auxiliar no carregamento da carga ,e em tempos remotos, até mesmo de crianças em viagens semanais à feira). Encontramos em várias obras, como o romance Grande sertão veredas de João Guimarães Rosa (1956): "Em beira do mato, no Cererê-Velho, se trabalhou com facão em ramagem e cipó, armando tipóias e latadas."

O pau d'arco é uma árvore alta famosa pela beleza de suas flores na cor amarela, rosa, roxo. Utilizado na fabricação de móvel. Enfocado em romances como no romance São Bernardo de Graciliano Ramos (1934) no capítulo oito: "Estremeci. Casimiro Lopes, de binga na mão, acendia o cigarro. O luar estava muito branco. Um pedaço de mata aparecia, longe, e distinguiam-se as flores amarelas dos **paus-d'arco**.(Ramos,1934). A beleza dessa planta, podemos conferir através da imagens abaixo:



Disponível em: floresplantasecultivos.blogspot.com, cmpd.pa.gov.br. Acessado em:17/09/2015

Temos ainda, O mameleiro uma planta que possui galhos finos muito utilizados como varas que servem para cozinhar, e principalmente, na construção de abrigos para os animais domésticos, especialmente, galinhas e bodes. E também, a quixaba é uma árvore grande em que se utiliza a madeira e também como erva medicinal, para o combate a lesões causadas por quedas.. Encontramos em romances como o "Grande sertão veredas" de João Guimarães Rosa (1956): Gostei de favas do mato, muito murici, quixaba e jaca."

2.5. Alimentos típicos dos sertanejos

Os alimentos consumidos cotidianamente pelos sertanejos estão intimamente ligados ao seu clima ,e em especial, ao período de chuva, pois a partir dele as comidas típicas podem ser apreciadas. As chuvas que caem a partir do mês de dezembro até abril, modificam o contexto que Andrade (1986), articula com a alimentação produzida nesta região do país:

Assim, na alimentação usava-se principalmente a carne e o leite, este abundante apenas no “inverno”, frutos silvestres e alguns produtos de uma incipiente lavoura de subsistência feita nos brejos, nas vazantes dos rios ou, nos bons invernos, na própria caatinga. Lavouras de ciclo vegetativo curto – feijão, fava, milho, etc. – eram confinadas por cercas de varas ou de pedras a fim de impedir a danificação provocada por animais. (ANDRADE, 1986,p. 150).

Já o desenvolvimento dessa agricultura sertaneja também ocorreu de forma lenta e inicialmente não encontramos uma grande variedade de alimentos cultivados, como declara ainda Andrade (1986):

Essa agricultura restringia-se apenas à mandioca, ao milho, feijão, algodão e, às vezes, à melancia e ao melão. Nas “serras frescas” porém, além desses produtos, surgiram logo a cana-de-açúcar e as fruteiras. As arcas agrícolas constituíam, porém, pequenas manchas, “ilhas” isoladas na vastidão das caatingas. (ANDRADE, 1986, p.155)

O plantio de mandioca, milho, feijão e algodão até os dias atuais ainda é recorrente nesta região. Encontramos a mandioca e seus derivados como a farinha e a goma. O milho e seus derivados como a pamonha, canjica, o fubá de milho (principal ingrediente do quarenta, feito com o acréscimo de água e sal no fubá), o munguzá, entre outros. Já o feijão, geralmente, são da espécie macassar, branco, preto e ainda a fava e guandú. Além do Jerimum e do couve. Quanto a cana-de-açúcar proporcionou o surgimento dos engenhos, a produção da rapadura e da cachaça , também citados em muitas obras, como no romance intitulado "Menino de engenho" de José Lins do Rêgo(1932).

Posteriormente, temos a caça de animais comuns nessa região, como é o caso dos preás e das rolinhas que constituíam um dos alimentos cotidianos dos sertanejos, antes de sua extinção.

Das carnes mais consumidas podemos destacar a carne de bode,(juntamente com a famosa buchada), e ainda, a carne de boi e o popular

mocotó de boi. Também merecem destaque o leite das vacas e cabras e os seus derivados como a gualhada, e ainda, o cuscuz com leite. Para conhecer mais a flora (Vide o anexo 2).

2.6. Profissões mais relevantes na região sertaneja

Atualmente, os trabalhos assumidos pelos sertanejos são diversos e abrangem as inúmeras áreas, no entanto, em tempos remotos os principais trabalhadores eram os cambiteiros, o cortador, o botador, os trombadores, o maquinista e o mestre-de-açúcar, como verificamos através de Andrade (1986):

Na época da safra, os trabalhadores que passaram o ano na enxada cuidando do plantio, passam a ter as mais diversas ocupações: aparece, então, o “cambiteiro” a dirigir cavalos e burros que transportam a cana dos partidos para o engenho; o “cortador” de cana, que ganha salário por produção e, com seu facão “rabo de galo”, despe os solos, tirando rapidamente a cobertura verde dos canaviais; o “botador” de cana na moenda, que a qualquer descuido pode perder o braço, tragado pela mesma; os “trombadores”, que pegam feixes de cana no “picadeiro” e o colocam sobre o alcance do botador; o maquinista, que cuida do motor e verifica de quando em vez a pressão das caldeiras; o mestre-de-açúcar, que dá “ponto ao caldo” durante o cozimento, indicando o momento (ANDRADE, 1986, p. 180).

De acordo com o autor, os trabalhadores adaptavam-se às estações do ano para realizarem tarefas que supriam as necessidades de cada época. Dentre os ofícios que permaneciam durante o ano inteiro destaca-se o de vaqueiro, lembrado em muitas obras, como no cordel *Vaqueiro velho e patrão* de Antônio Lucena.

Vale salientar ainda, o pequeno agricultor que, geralmente, cultiva apenas para a sua subsistência e que é responsável pela plantação de milho, feijão (preto, carioca, macassar), fava, guandu, jerimum e ainda, pequenas quantidades de cará (inhame) e batata-doce. A respeito dessa economia agrícola encontrada no sertão Suassuna (2002) apresenta uma pequena variedade de atividades e espécies cultivadas:

A economia agrícola do sertão é caracterizada por atividades pastoris, predominando a criação extensiva de gado bovino e de pequenos ruminantes (caprinos e ovinos), e a cultura de espécies resistentes à estiagem, como o algodão e a carnaúba nas áreas mais secas, e a produção de grãos (milho e feijão) e mandioca nas áreas mais úmidas.

A cana-de-açúcar é bastante cultivada nos brejos de altitude, como em Triunfo, Pernambuco. (SUASSUNA, 2002).

Além de ressaltar, a plantação de alimentos já mencionados, temos o acréscimo da atividade pastoril que também envolve os pequenos agricultores que criam alguns animais para auxiliarem na renda.

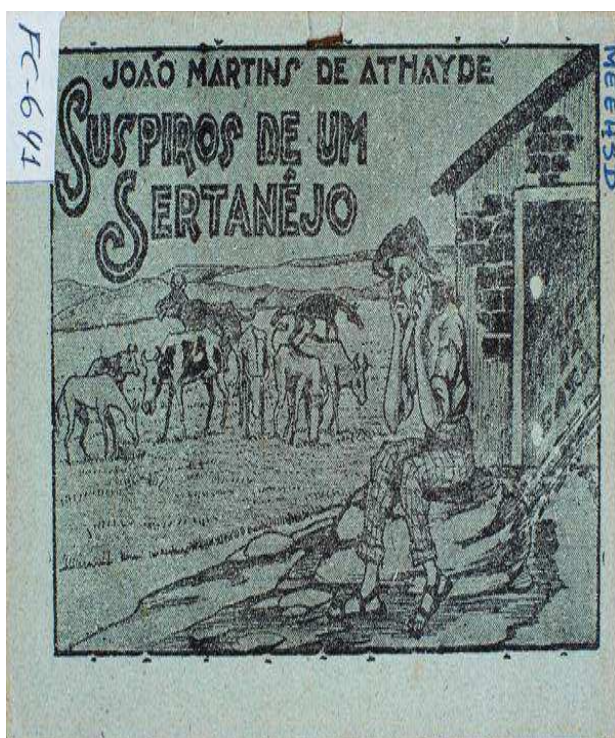
A partir das informações expostas anteriormente acerca do tema que será trabalhado nesta pesquisa, o Sertão, podemos partir para os capítulos seguintes em que nos enfocaremos nos poetas que serão objetos do nosso estudo juntamente com os poemas escolhidos.

3. O SERTÃO DE LEANDRO GOMES DE BARROS E PATATIVA DO ASSARÉ

Neste capítulo, apresentaremos brevemente a vida e a obra de Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré, bem como alguns estudos feitos sobre ambos. Depois, analisaremos alguns poemas deles com a temática do sertão.

3.1 Leandro Gomes de Barros

Natural da cidade de Pombal, no estado da Paraíba, Leandro Gomes de Barros nasceu em 19 de novembro de 1865, mais especificamente na Fazenda da Melancia, onde foi alfabetizado pela família do Padre Vicente Xavier de Farias, dos quais era sobrinho por parte de mãe. Após um desentendimento com o seu tio, por causa de sua herança, o jovem vai para a cidade de Teixeira onde tem o primeiro contato com os repentistas. Da Serra do Teixeira vai para Pernambuco onde viveu em casas alugadas em vários locais. Casou-se com dona Venustiniana Eulália de Barros, que após ficar viúva, vendeu os direitos autorais das obras do falecido a João Martins de Athaide, que inicialmente, citava Leandro Gomes de Barros como o autor dos folhetos, mas com o passar do tempo deixou de citá-lo e apenas colocar o seu nome. Como verificamos na capa do cordel *Suspiros de um sertanejo*:



Disponível em: <http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/busca/listarprojeto.php?cod=12&from=5#>. Acessado em: 08/10/2015.

Apesar de ocultar o nome de Leandro Gomes de Barros em seus folheets, João Martins do Athaíde reconhece a importância desse poeta e o homenageia em seu folheto *A Pranteada Morte de Leandro Gomes de Barros*. Vejamos uma de suas estrofes:

Poeta como Leandro
 Inda o Brasil não criou
 Por ser um dos escritores
 Que mais livros registrou
 Canções não se sabe quantas
 Foram seiscentas e tanta
 As obras que publicou.

Neste folheto, o autor exalta Leandro Gomes de Barros através de sua vasta obra, contendo mais de seiscentos livros. O homenageado não chegou a ser tão reconhecido em vida quanto após a sua morte. Ainda sobre ele, escreveu o folclorista Luiz da Câmara Cascudo(1939), que o conheceu em João Pessoa:

[...] Viveu exclusivamente de escrever versos populares inventando desafios entre cantadores, arquitetando romances, narrando as aventuras de Antônio Silvino, comentando fatos, fazendo sátiras. Fecundo e sempre novo, original e espirituoso, é o responsável por 80% da glória dos cantadores atuais. Publicou cerca de mil folhetos, tirando deles dez mil edições. Esse inesgotável manancial correu ininterrupto enquanto Leandro viveu. É ainda o mais lido dos escritores populares. Escreveu para sertanejos e matutos, cantadores, cangaceiros, almocreves, comboieiro, feirantes e vaqueiros. É lido nas feiras, nas fazendas, sob as oiticas nas horas do "rancho", no oitão das casas pobres, soletrado com amor e admirado com fanatismo. Seus romances, histórias românticas em versos, são decoradas pelos cantadores. Assim *Alonso e Marina*, *O Boi Misterioso*, *João da Cruz*, *Rosa e Lino de Alencar*, *O Príncipe e a Fada*, o satírico *Cancão de Fogo*, espécie de *Palavras Cínicas*, de Forjaz de Sampaio, a *Órfã Abandonada*, etc constituem literatura indispensável para os olhos sertanejos do Nordeste. Não sei se ele chegou a medir-se com algum cantador. Conheci-o na capital paraibana. Baixo, grosso, de olhos claros, o bigodão espesso, cabeça redonda, meio corcovado, risonho, contador de anedotas, tendo a fala cantada e lenta do nortista, parecia mais um fazendeiro que um poeta, pleno de alegria, de graça e de oportunidade.(CASCUDO, 1939,p.274)

Segundo o autor, Leandro Gomes de Barros foi um dos poucos poetas de sua época, que viviam de sua composição. Sua obra é caracterizada como fecunda, nova, original e espirituosa, dificilmente algum poeta se iguale a ele. Para

Cascudo(Op.cit) a quantidade de folhetos publicados foram cerca de mil folhetos, um número consideravelmente superior ao citado por João Martins do Athaíde na estrofe citada acima.

Atualmente, Leandro Gomes de Barros é considerado por muitos críticos literários como o rei dos poetas populares do seu tempo. A respeito disso Monteiro (2008) esclarece:

Não gosto de endeusar nem "reificar" ninguém, principalmente tratando de poetas, pois poesia é um instante de sublimação, um momento de graça, um lapso de gênio, luz inesperado e fugidio. Um poema pode ser bom,mas, só parte dele ou partes dele será genial, no entanto, para não fugir a regra de toda regra tem exceção gosto de chamar LEANDRO de: O REI DO CORDEL. Sua vasta obra, a diversidade de temas que abordou, o esmero que tinha com as rimas, a originalidade dos seus versos, o pioneirismo na composição e impressão de folhetos em larga escala e o privilégio de ter inserido definitivamente na paisagem cultural brasileira esse gênero literário fazem do menino de Pombal (cidade do Sertão paraibano) um incontestado REI de cetro, coroa e majestade.(MONTEIRO,2008)

O poeta campinense Manoel Monteiro demonstra neste trecho retirado de uma das edições do cordel *Suspiros de um sertanejo* de Leandro Gomes de Barros o quanto o escritor é importante para a literatura de cordel, não apenas em relação a quantidade de folhetos publicados, mas também "pelo esmero que tinha com as rimas, a originalidade dos seus versos" que dificilmente encontramos em outros autores.

Após ter deixado a sua grande contribuição para a literatura de cordel nordestina, o ilustre cordelista falece no Recife no dia 4 de março de 1918.

Depois de termos conhecido um pouco da biografia deste poeta, iremos no tópico seguinte, apresentar uma leitura de seus dois poemas *Suspiros de um sertanejo* e *a Seca do Ceará*, priorizando os aspectos que revelam as particularidades do sertão.

3.2. Uma leitura dos poemas *Suspiros de um sertanejo*, *A seca do Ceará* de Leandro Gomes de Barros

3.2.1. Suspiros de um sertanejo

O poema *Suspiros de um sertanejo* (anexo 4), de Leandro Gomes de Barros é composto por cinqüenta e uma estrofes sendo vinte e seis de seis versos de sete sílabas (sextilhas), alternadas com vinte e cinco de dez versos de cinco sílabas (martelos ou martelos puros). Com esquema de rimas xaxaxa das sextilhas e abbaaccddc nos martelos . Observação: as letras repetidas indicam os versos que rimam entre si. Indicam-se com "X" os versos que não rimam com nenhum outro.

A temática abordada é a do sertão nordestino. Inicialmente, iremos observar o título do poema.

De acordo com o Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa de Caldas Aulete (2011) o verbo suspirar significa "sentir saudade ou nostalgia de / anelar, ansiar". Com base nesta informação, podemos identificar que desde o título há uma saudade, uma ansiedade por parte de um sertanejo, no entanto, ainda não sabemos de quê ou de quem.

Na primeira estrofe percebemos que temos um narrador em 1ª pessoa que permanece durante todo o poema, e que lamenta o distanciamento de sua terra que a muito tempo não a vê.

Na segunda, terceira e quarta estrofes o eu lírico exalta a sua terra, o sertão, utilizando adjetivos e locuções adjetivas, como "santa" , "sagrado berço", "solo abençoado", "encantada", "mimosa", "rosa pela primavera". Esta última, utilizando uma metáfora com a beleza da rosa no auge de sua floração que é a primavera.

Já na quinta estrofe, encontramos mais uma locução adjetiva que tem como referente o sertão, que é "grato arrebol",e em seguida, encontramos o primeiro animal mencionado, o rouxinol que "canta alegre" , trata-se de um pássaro muito comum no nordeste que costuma fazer os seus ninhos nos alpendres das casas ou em locais próximos as moradias. Já na sexta estrofe, temos o beija-flor também encontrado com facilidade no sertão e que vive a procura do néctar das flores, como revela o versos "Ver se o Camará/ Ou o maracujá /Já está florando!". Surge assim, as duas primeiras plantas, o Camará e o maracujá.

Já da 5ª à 13ª estrofes há uma descrição do dia no sertão. Na 5ª estrofe temos o nascer do sol que é acompanhado por uma "brisa fresca e mansa". Percebemos aqui, a personificação ao relacionar o adjetivo mansa em um ser inanimado, como a brisa. Seguido pela "manhã saudosa", na 6ª estrofe e as tardes que são tão belas, já na 7ª estrofe, por fim, surge a noite de lua, na 11ª à 13ª estrofes em que as crianças brincam no terreiro e em seguida, descansam ouvindo os pais contarem histórias "de séculos passados" até chegar a hora de comer gualhada (o primeiro alimento citado). O ato de contar histórias é comum aos sertanejos que sempre gostaram das histórias de Trancoso. Já a qualhada é um dos alimentos triviais dessa região, devido as pequenas criações de gado.

A partir da 13ª estrofe o eu lírico relata a sua infância feliz que ele viveu "Quando o dia era um sonho/ A vida um mundo dourado/ Os dias campos, com flores/ As noites berço encantado."

Já na 15ª estrofe aparece a primeira ocupação dos sertanejos, o roçado que entre os meses de Agosto e Setembro é queimado e entre os meses de novembro e dezembro aguarda-se as chuvas. O ato de aguardar a chuva é bastante comum aos sertanejos e é descrito no poema da 15ª estrofe à 19ª estrofe " De manhã olhamos para a atmosfera/ O tempo mudado/ O vento parado/ O sol diferente". Usa-se a expressão, "nevoeiro amado" para demonstrar o desejo que a chuva venha.

A chuva só aparece a partir da 20ª estrofe e é vista como algo precioso, como podemos perceber através dos nomes lhe atribuídos "Do céu um tesouro", e um "riso de ouro". Para os sertanejos a chuva é esperada e saudada por todos, devido a sua importância para a subsistência dos animais, plantas e principalmente, do homem que habita esta área. Em outras regiões, onde as chuvas são mais frequentes não identificamos esta espera.

Nas estrofes 21ª e 22ª, é descrito a transformação dos animais e plantas após a chuva que é motivo de alegria para todos, como os versos revelam " Chove por exemplo, hoje/ Eis o festim no agreste".

Nas estrofes 23ª, 24ª, 25ª e 26ª destaca-se a alegria das aves que compõem o cenário sertanejo como as Guriatãs, os Curiós, os Socós, os Jaçanãs, os

Maracanãs, as Mexeriqueiras, os Tetéus, as Lavadeiras, os Pirilampos, o Sabiá, a Graúna, o Xexéu, o Sofreu, os Nambus, os Juritís, os Cordoniz, os Urubus, os Jacus, a Seriema, a Ema, a Marreca e o putrilhão.

Na 27^a estrofe aborda os animais que surgem logo após a chuva como a ave, a formiga, a caça. Na 28^a temos os répteis como o cururu que é adjetivado de mestre e ainda o caldeireiro, o sapo-boi e a rã.

Nas estrofes 29^a e 30^a encontramos os animais que só surgem a partir de dez dias após a chuva, aqui destacam-se as abelhas que são nomeadas espécie por espécie, como a Tataíra, Boca - de - limão, Sanharão, Canudo, Cupira, Jandaíra, Moça - branca, Exu, Jati, Capuxu, Mosquitinho - da - praia, Mandaçaia, Tubiba e Uruçu. Vejamos abaixo a imagem de apenas duas espécies mencionadas:



Disponível em: www.embrapa.br. Acessado em: 15/06/2015

A espécie de abelha do lado esquerdo é a Jandaíra e a do lado direito a Uruçu.

Na 31^a e 32^a estrofes, temos os animais domésticos como o touro que se apresenta trabalhando na terra para o plantio, e ainda, os bodes, os cabritos, cabras-paridas, pais-de-chiqueiro, além dos garrotes, e dos novilhotes.

Da 33^a estrofe em diante inicia-se a descrição da vida do homem "Trataremos da vida humana/ Que nos interessa mais." e do inverno que é um tempo de fartura que traz riqueza para o sertanejo "A riqueza que nos traz".

Da 34^a à 38^a estrofes descreve-se a luta do agricultor e de sua família na lida com o roçado, no qual, todos participam dos mais novos aos mais velhos, como os versos revelam " Os moços cavando a terra/ Velhos plantando feijão/ A velha mais as meninas/ Plantam milho e algodão". As sementes plantadas aparecem pela primeira vez, o feijão, o milho e o algodão e permanecem até a 38^a estrofe com a menção ao jerimunzeiro, também muito cultivado no sertão e fazendo parte do cardápio diário.

No mês de abril é possível colher os primeiros frutos da plantação, no entanto, a época de fartura concentra-se no mês de abril e maio. O mês de junho com a festa junina vem repleto de alegria com a fartura, pois "a terra está rica" e em "toda casinha", percebemos aqui a utilização do diminutivo para demonstrar a simplicidade da moradia em que se encontra pessoas alegre a cantar e dançar.

Na 41^a estrofe, Há um diálogo estabelecido entre o eu lírico e o leitor, como podemos perceber no verso "Meu leitor ia esquecendo". Ainda nesta estrofe inicia-se a descrição da criação sertaneja.

A partir da 42^a estrofe até a última 51^a estrofe é revelado mais uma profissão a do vaqueiro e da sua lida com o gado, seguido, da festa de apartação, muito festejada no sertão.

Os ambientes que surgem aqui são o matagal e o curral. O primeiro é o local onde os animais pastam e o segundo o local onde desenham-se as vacas e fazem os cuidados com os animais, quando é preciso.

Vale salientar ainda, as vestes dos vaqueiros produzidas com o couro, uma das matérias primas mais usadas na confecção de roupas resistentes a ambientes espinhosos como o matagal, onde encontra-se o gado.

Para revermos as informações importantes deste poema que revelam as particularidades do sertão, vejamos a tabela a seguir:

--	--

FLORA	<p>PLANTAS: "camará", "maracujá", "pau dos ouleiros", "pereiro", "marva", "candeeiro", "cocão", "trapiá", "mufumbo", "ingá", "angico", "aroeira", "jurema", "craibeira", "mato-flora", "urtiga", "algodão", "jerimunzeiro".</p>
FAUNA	<p>AVES: "rouxinol", "beija-flor", "sabiá", "graúna", "xexéu", "nambus", "juritis", "condorniz", "urubus", "jacus", "seriema", "ema", "marreca", "putrilhão", "tetéus", "lavadeiras". "canário", "curiós", "socós", "guriatãs", "jacanãs", "maracanãs", "mexeriqueiras", "pirilampos".</p>
FAUNA	<p>ABELHAS: "moça-branca", "exu", "jati", "capuxu", "mosquitinho-da-praia", "mandaçaia", "tubiba", "uruçu".</p>
FAUNA	<p>DOMÉSTICOS: "gado", "boi", "gados novilho", "touro", "poldros", "carneiros", "bodes", "garrotes", "novilhote", "cabritos", "cabras", "pais-de-chiqueiros" e "cavalo".</p> <p>ANFÍBIOS: "sapo", "cururu", "sapo-boi", "rã".</p> <p>INSETOS: "formiga" e "cupim".</p>
GEOGRAFIA	"Seridó" e o "Piançó".
ALIMENTOS	"mel de abreu", "coalhada", "milho", "milho assado",

	"feijão", "fava", "feijão-de-corda", "canjica".
ELEMENTOS DA CULTURA	O ato de contar histórias
ELEMENTOS DA CULTURA	O ato de esperar o inverno
ELEMENTOS DA CULTURA	A profissão de agricultor e de vaqueiro
ELEMENTOS DA CULTURA	Festa de apartação
ELEMENTOS DA CULTURA	Comemoração do São João
ELEMENTOS DA CULTURA	Violeiros

Na tabela acima, encontramos da flora dezoito espécies de plantas típicas da caatinga que vão desde as mais rasteiras como o jerimumzeiro à plantas mais altas com a aroeira. Já a fauna é citada em sua diversidade com vinte e três espécies de aves, oito abelhas, doze animais domésticos, quatro anfíbios e dois insetos. Da geografia temos duas microrregiões do sertão paraibano o Seridó e o Piancó. Já dos alimentos são citados sete tipos. Por fim, dos elementos da cultura, temos o costume de contar histórias, muito comum aos sertanejos.

Após analisarmos o poema *Suspiros de um sertanejo*, iremos analisar o intitulado *A seca do Ceará*.

3.2.2. A seca do Ceará

O poema intitulado "A seca do Ceará", (Anexo5), de Leandro Gomes de Barros é composto por dezoito estrofes em décimas setissilábicas. Com esquema de rimas abcbddeffe . A temática abordada também é a do sertão nordestino. Inicialmente, iremos observar o título do poema. O título do poema "A seca do Ceará" nos apresenta um período de seca em um determinado local que ,neste caso, é o estado do Ceará. O poema inicia-se com a apresentação de um cenário chocante onde a seca mata os animais e "expulsa " os seus moradores. Na 1ª estrofe, já surgem os primeiros animais que não resistem a seca, como o gado e os currais que ficam vazios.

Na 4ª estrofe, o silêncio passa a compor o cenário triste. O que é recorrente em outras estrofes mais adiante. Desta estrofe até a 8ª, encontramos quatro cenas chocantes que envolvem a fome e a morte.

A primeira cena está na 4ª, 5ª e 6ª estrofes, quando o filho morre de fome e deixa a sua mãe sofrendo. A fome é descrita no 1º e 2º verso da 5ª estrofe "Foi a fome negra e crua/ Nódoa preta da história".

Na 5ª estrofe, a narração deixa de ser em 3ª pessoa e passa a ser um narrador em 1ª pessoa, como podemos observar nos versos "Mandasse riscar meu nome/ Do livro da existência".

Na 6ª estrofe a narração retorna em 3ª pessoa e permanece até o final do poema. Desta estrofe até a 8ª, encontramos três cenas chocantes que envolvem a fome e a morte.

A segunda cena está na 7ª estrofe, quando uma mãe, descrita no 1º verso como "Vê-se uma mãe cadavérica", ao utilizar o termo cadavérica, o poeta tem a intenção de intensificar a magreza desta mãe e ainda, reforçar a fome que esse personagem passa.

A terceira cena está na 8ª estrofe, quando no 1º verso "Vê-se moças elegantes", a princípio a relacionamos como sendo ricas, no entanto, no 5º verso "Passam tristes, envergonhadas/ Da cruel fome obrigadas", há um contraste entre a elegância e o fato delas passarem fome a ponto de implorarem o resto da comida que sobrou dos cachorros.

Na quarta cena, nas estrofes 9ª, 10ª, 11ª e 12ª, a fauna e a flora são descritas no período de seca.

Quanto à flora, encontramos as flores, as trepadeiras que apenas se "conserva a recordação" como o 8º verso da 9ª estrofe esclarece.

Já da fauna, identificamos o gado, o bezerro enjeitado, o carneiro, o bode, a cabra e o cabrito, os cavalos, o juriti e a cobra, ambos em situação de miséria, com fome e debilitados.

A partir da 13ª até a 18ª estrofe (última) , temos uma crítica ferrenha contra o governo, por não tomar as devidas providências para minimizar os efeitos da seca e ajudar os mais miseráveis do sertão.

A Europa ainda diz/ O governo do país/ Trabalha para o nosso bem/ O nosso em vez de nos dar/ Manda logo nos tomar/O pouco que ainda se tem."

Utilizando-se do humor, o poeta prossegue com a sua crítica, ao afirmar que as verbas enviadas para minimizar a seca do sertão não chegaram a ser investidas, como o 5º, 6º e 7º versos da 17ª estrofe revelam " O dinheiro é tão sabido/ Que quis ficar escondido/ Nos cofres dos potentados/ Ignora-se esse meio/ Eu penso que ele achou feio/ O bolso dos flagrelados."

Na 18ª estrofe, a sua critica vai desde o governo federal, passando pelo estadual, chegando ao municipal. O primeiro é acusado de aumentar os impostos , o segundo de colocá-los em prática, e o terceiro por ser conivente e apenas "juntar os ossos para vendê-los na feira".

FLORA	PLANTAS: "Fulô" e o "Cajuêro"
FAUNA	AVES: "rolas", "pirilampos", "tétus" e "juriti".
FAUNA	DOMÉSTICOS:"gado","touro","bezerro","carneiros",,"bode", "cabrito", e "cavalo".
FAUNA	RÉPTEIS: "cobra".
GEOGRAFIA	

	AMBIENTES: "currais", "campo", "sítio", "rio", "ruas", "vale", "fazenda" e "feira".
ALIMENTOS	Nenhum encontrado.
ELEMENTOS DA CULTURA	RELIGIOSIDADE: Cristianismo.

Na tabela acima, identificamos da flora duas espécies de plantas, ambas utilizadas como decoração. Da fauna temos três aves, oito animais domésticos e um répteis. Da geografia temos oito ambientes diferentes que vão desde os currais das fazendas às ruas onde as moças pedem comida. Já dos alimentos não identificamos menção a nenhum deles. Dos elementos da cultura temos a religiosidade cristã, comum aos sertanejos.

Nos dois poemas de Leandro Gomes de Barros, analisados até agora, encontramos algumas informações relevantes para o nosso trabalho. Vejamos.

O mesmo gado que aparece nas festas de apartações, com bravura, no poema *Suspiros de um sertanejo*, se mostra desolado com a seca, como demonstra a 3ª estrofe "os touros que nas fazendas / Entraram em lutas tremendas,/ Hoje nem vão mais ao campo". O mesmo acontece com as pessoas que ao invés de aparecem com energia para trabalhar nas terras, são vistas fugindo dela.

A fome é mencionada tanto em *Suspiros de um sertanejo* quanto em *A seca do Ceará*, no entanto, no primeiro ela não é revelada tão intensa quanto no segundo e é apenas mencionada na 36ª estrofe quando a mulher pede ao marido que não plante uma espécie de feijão, mas outra, de sua preferência e o marido responde que "Muitas vezes ele /Matou-nos a fome." Neste poema, temos o momento da chuva e fartura e o momento da estiagem e da miséria. Já no segundo poema a fome, a miséria, a pobreza extrema perpassam todas as estrofes do poema. Há um grande lamento, por não haver chuva que é sinônimo de fartura no sertão. O sertão que encontramos, em momento algum está alegre, só temos tristezas.

Em *Suspiros de um sertanejo* a seca é demonstrada da 1ª a 19ª estrofe quando na 20ª resplandece a chuva e a fartura até a 51ª, última estrofe do poema. Já em *A seca do Ceará* a seca permanece da 1ª a 18ª, última estrofe.

O poema *Suspiros de um sertanejo* é mais longo, possui 51 estrofes, enquanto que *A seca do Ceará* possui apenas 18 estrofes.

Agora, iremos no tópico seguinte, apresentar a biografia de Patativa e em seguida, dois de seus poemas.

3.3. Patativa do Assaré:

Antônio Gonçalves da Silva mais conhecido como Patativa do Assaré é um cearense que nasceu na cidade de Assaré no dia cinco de março de 1909 e faleceu no dia oito de julho de 2002 aos 93 anos de idade em sua cidade natal.

Foi em mil e novecentos
E nove que eu vim ao mundo,
Meus pais naquele momento
Tiveram prazer profundo,
Foi na Serra de Santana
Em uma pobre choupana,
Humilde e modesto lar.
Foi ali onde nasci
Em cinco de março vi
Os raios da luz solar.

Patativa do Assaré. *Ispinho e fulô*, p. 19.

Veio de família humilde e aos quatro anos de idade perdeu a visão do olho esquerdo devido a doença do sarampo e a falta de atendimento médico. Viveu dedicado ao campo onde nunca deixou de trabalhar no roçado.

Seu apelido "Patativa do Assaré" veio da junção entre a ave canora chamada patativa e da sua cidade natal Assaré no Ceará, que Patativa tinha muito orgulho e expressava tal nacionalismo através de seus versos que contavam causos ocorridos ao seu redor.

Em uma entrevista concedida ao programa do Jô Soares (que encontramos na internet) Patativa do Assaré afirma ter sido preso por cerca de quinze minutos por ter produzido versos que criticavam a postura do então prefeito da época de não

comparecer ao seu posto de trabalho, a prefeitura de Assaré. Vejamos os versos na íntegra do poema "Prefeitura sem prefeito".

Nessa vida atroz e dura
Tudo pode acontecer
Muito breve há de se ver
Prefeito sem prefeitura;
Vejo que alguém me censura
E não fica satisfeito
Porém, eu ando sem jeito,
Sem esperança e sem fé,
Por ver no meu Assaré
Prefeitura sem prefeito.

Por não ter literatura,
Nunca pude discernir
Se poderá existir
Prefeito sem prefeitura.
Porém, mesmo sem leitura,
Sem nenhum curso ter feito,
Eu conheço do direito
E sem lição de ninguém
Descobri onde é que tem
Prefeitura sem prefeito.

Ainda que alguém me diga
Que viu um mudo falando
Um elefante dançando
No lombo de uma formiga,
Não me causará intriga,
Escutarei com respeito,
Não mentiu este sujeito.
Muito mais barbaridade
É haver numa cidade
Prefeitura sem prefeito.

Não vou teimar com quem diz
Que viu ferro dar azeite,
Um avestruz dando leite
E pedra criar raiz,
Ema apanhar de perdiz
Um rio fora do leito,
Um aleijão sem defeito
E um morto declarar guerra,
Porque vejo em minha terra
Prefeitura sem prefeito.

O poema "Prefeitura sem prefeito" foi produzido posteriormente ao episódio em que Patativa precisou de um documento que seria concedido pelo prefeito e após ter dirigido-se três vezes consecutivas a prefeitura sem encontrá-lo, decidiu então, criar esses versos como uma maneira de criticar a atitude desse prefeito. O autor faz revelações importantes acerca de sua vida no decorrer das quatro estrofes de dez versos de sete sílabas métricas cada.

Podemos destacar na primeira estrofe a menção a censura e a insatisfação por parte de políticos que foram criticados pelo poeta. Percebemos ainda, através do pronome possessivo "meu" referindo-se a Assaré a ideia não apenas de posse, mas também de carinho e orgulho de sua cidade, o que é recorrente não apenas neste poema, mas na maioria de sua poesia.

Na segunda estrofe, nos é revelado um aspecto importante da vida do poeta que é o fato dele não possuir formação acadêmica, sendo assim, um autodidata que se tornou Doutor Honoris Causa de pelo menos três universidades, dentre elas a

Universidade Federal do Ceará. Tal poeta não teve estudo, mas discutia com maestria a arte de versejar. A respeito disso, Patativa em sua autobiografia, acrescenta que frequentou a escola apenas quatro meses e o restante aprendeu sozinho, pois teve que ajudar a sua mãe a cuidar dos seus irmãos menores.

Em alguns de seus versos, Patativa utiliza a ironia e o humor para criticar uma determinada falha que há na sociedade burguesa sertaneja. A partir da terceira estrofe percebemos um tom engraçado e irreverente que é perpassado por uma crítica fortemente marcada pela repetição do verso, que também é o título deste poema "Prefeitura sem prefeito"

Para finalizar o poema, já na quarta estrofe Patativa reforça a ideia de posse e carinho pela sua terra através do pronome possessivo "minha" relacionado a terra e vale salientar ainda, a mesma ironia e humor presentes nos versos anteriores, através de imagens como "Um rio fora do leito" e "Um aleijão sem defeito".

Apesar de ter passado por inúmeras dificuldades financeiras, Patativa nunca deixou de exaltar a sua cidade natal, sua demonstração de carinho era percebida através dos seus versos.

Patativa iniciou a sua composição de versos a partir do momento em que ouviu um folheto de cordel, como ele mesmo afirma.

Quando eu ouvi alguém ler um folheto de cordel pela primeira vez, aí eu fiquei admirado com aquilo, mas no mesmo instante, eu pude saber que eu também poderia dizer em versos qualquer coisa que eu quisesse, que eu visse, que eu sentisse, não é? Comecei a fazer versinhos desde aquele tempo. Sim, a partir do cordel. Porque eu vi o que era mesmo poesia. Aí dali comecei a fazer versos. Em todos os sentidos. Com diferença dos outros poetas, porque os outros poetas fazem é escrever. E eu não. Eu faço é pensar e deixo aqui na minha memória. Tudo o que eu tenho, fazia métrica de ouvido. [...] A base era rima e a medida. A medida do verso, com rima, tudo direitinho. Aí quando eu peguei o livro de versificação de Olavo Bilac e Guimarães Passos, aí eu melhorei muito mais. Eu já tinha de ouvido, porque já nasci com o dom, não é? (Patativa do Assaré. *Aqui tem coisa*, p. 39.)

Apesar de nunca ter publicado os seus versos em folhetos e, por isso, não ser considerado propriamente um cordelista, mas um poeta popular, Patativa do Assaré foi um dos mais importantes representantes da cultura popular nordestina. Seus versos centralizam a temática do sertão juntamente com as suas particularidades.

Estudiosos da literatura popular reconhecem a sua importância na poesia brasileira. Dentre estes estudos, podemos ressaltar, o artigo intitulado "Patativa do Assaré: Eu canto o sertão que é meu" de José Hélder Pinheiro Alves (2009): "O amplo sertão nordestino foi cantado de modo peculiar por um dos maiores poetas de nossa literatura. Refiro-me ao cearense Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré .

Inicialmente, Patativa era conhecido apenas em Assaré e seus arredores, através das rádios e apresentações em pequenas comemorações, no entanto, a partir da publicação dos seus versos nos anos 70 ele passou a ser conhecido nacionalmente e também a ser estudado em pesquisas acadêmicas do país.

Dentre essas pesquisas, podemos citar a tese de doutorado de Luiz Tadeu Feitosa (2003), intitulada *Patativa de Assaré: Trajetória de um canto* que descreve o poeta e a sua obra e também a dissertação de Cláudio Henrique Sales de Andrade (2003) que analisa detidamente a obra de Patativa.

Até então, abordamos aqui dados biográficos do poeta, como era simples e humilde a sua vida no campo e alguns acontecimentos importantes que ocorreram antes dele ser reconhecido nacionalmente como um poeta valorizado pela literatura brasileira. Todavia, faz-se necessário salientar que a sua poesia passou a ser reconhecida e estudada na academia. A respeito dessa poesia Antonio Iranildo Brito (2009) em seu artigo revela que:

Conhecer a poética patativana é conhecer um pouco mais do Brasil, usando uma expressão do próprio Patativa: o "Brasil de baixo". Apreciar sua obra é entrar em contato com uma expressão artística que nasce da força, da resistência e da criatividade peculiar do "mundo dos simples". Conhecê-lo é somar valores à cultura brasileira. O poeta fez poesia na mesma língua de escritores cultos como João Cabral de Melo Neto e Guimarães Rosa, apenas para citar dois clássicos. Fez verso nessa mesma língua, no mesmo país, no mesmo período histórico e tratou de temas semelhantes. Trata-se, portanto, de uma voz, de um "texto aberto", por isso universal. Há, pois, muito que conferir e aprofundar na variedade de temas e na "fartura" de versos que o poeta do sertão produziu generosamente (conferir alguns de seus livros nas referências). Trata-se, portanto, de uma voz, de um "texto aberto". Em suma, é uma poesia universal, nascida numa região. Poesia com cheiro e musicalidade do sertão. Sertão de Patativa. (Brito, 2009, p.192)

A poesia produzida por Patativa é exaltada pelo autor por apresentar-se com o "cheiro e musicalidade do sertão", ou seja, através de sua poesia podemos identificar as particularidades dessa região do país. Seu texto é descrito como sendo universal, já que a sua linguagem é acessível ao público que possui menos escolaridade.

Após conhecermos melhor o poeta Patativa do Assaré, iremos analisar dois de seus poemas um intitulado "Cante lá que eu canto cá" e "A morte de Nanã". Para ler mais a respeito da biografia, (vejamos o anexo 3).

3.4. Uma leitura dos poemas " Cante lá que eu canto cá" e "A morte de Nanã" de Patativa do Assaré

3.4.1.Cante lá que eu canto cá

O poema "Cante lá que eu canto cá "(Anexo 6), de Patativa do Assaré é composto por dezessete estrofes, todas de dez versos cada. Com esquema de rimas irregulares. A temática abordada é a do sertão nordestino. Inicialmente, iremos observar o título do poema.

O título do poema, que também dá nome a um de seus livros, "Cante lá que eu canto cá", revela um pedido para que alguém cante em um local diferente do outro. Demonstra ainda, um distanciamento físico entre esses cantores.

O poema é metalinguístico, pois um poeta do sertão mostra os motivos pelos quais o poeta da cidade não pode cantar o seu sertão. Temos menções as rimas e aos versos de ambos os poetas.

Na 1ª estrofe, o eu lírico apresenta-se como um poeta sertanejo que pede para que o poeta da cidade cante o seu local que ele cantará o seu, o sertão.

Da 2ª estrofe em diante, o poeta da cidade é relacionado ao seu grau de estudo elevado, enquanto que o poeta do sertão revela-se como um autodidata, como indica o verso "Aqui, Deus me ensinou tudo".

Na 3ª estrofe, o eu lírico ressalta mais uma vez a educação recebida pelo poeta da cidade, mas esclarece que lhe falta a experiência para realizar as atividades típicas dos sertanejos, como fazer uma palhoça e trabalhar na roça, por isso, não pode cantar o sertão direito. Aqui, encontramos a profissão mais relevante para os sertanejos a de agricultor.

Na 4ª, 5ª, 6ª, 7ª estrofes revelam o que é preciso para se cantar o sertão, além de morar nele, alimentar-se com feijão e mungunzá, e além de tudo ter uma vida simples sem dinheiro, brocando jurema unha-de-gato. Notamos que os alimentos citados são facilmente encontrados nesta região como o feijão, o mungunzá (por ser feito do milho), pois são cultivados pelos pequenos agricultores. A primeira planta citada é a jurema unha-de-gato que é uma espécie espinhosa, como já foi dito no capítulo anterior. Vejamos a sua imagem:



Na 5ª estrofe, há novamente a menção da educação recebida por parte do poeta da cidade que "Sabe lê, sabe escrevê" e que canta a felicidade. Já o poeta do sertão canta as suas dificuldades "Cá no sertão eu infrento/ A fome, a dô e a misera".

Na 6ª estrofe fala-se da rima e do verso do poeta da cidade. A rima é "bordada de prata e ôro" e o seu verso é "bem feito". Ao relacionar a rima como sendo bordada de prata e ouro, há a intenção de colocá-la como fina, elegante, reluzente. Já o verso bem feito estaria referindo-se a estrutura **marcada** dos versos, já que os versos de Patativa também eram marcados.

Na 7ª estrofe, no 7º verso " Com paciência de Jó". Temos uma intertextualidade com o personagem bíblico conhecido pela sua paciência excessiva, ao se comparar o sertanejo a Jó diante das situações difíceis.

Na 8ª estrofe constatamos que para o poeta do sertão o que ele expressa é a sua verdade, como percebemos no 2º verso " Veja que eu tenho razão" e se repete na 18ª estrofe no 1º e 2º verso "Aqui findo esta verdade/ Toda cheia de razão".

Na 9ª estrofe nos dois primeiros versos " Repare que a minha vida/ É deferente da sua" demonstra a preocupação do eu lírico em diferenciar-se do outro poeta. Tal intenção permanecerá até a 15ª estrofe. Todo o poema é metalinguístico, no entanto, algumas estrofes destacam-se por mencionarem os versos e a rima, como esta.

Na 10ª estrofe, encontramos a primeira menção a flora "Basta ver no mês de maio,/ Um poema em cada gaio/ E um verso em cada fulô". O mês de maio é conhecido por ser o mês das flores, é o período em que toda a flora está enfolhada, por ser um período de chuva.

Na 11ª estrofe, o verso do poeta da cidade é comparado a uma comida típica dos sertanejos, o sarapaté. "Seu verso é uma mistura,/ É um tá sarapaté". O sarapaté é uma comida feita com o fígado, coração e o sangue do porco picados juntos, por isso, há uma comparação com esse alimento.

Ainda nesta estrofe, e na 12ª, e 13ª temos a revelação das duas linguagens utilizadas por ambos os poetas, o da cidade possui uma linguagem erudita como no verso 1º e 2º da 11ª estrofe destaca " Que quem têm pôca leitura/ Lê, mas não sabe o que é." Já a linguagem do sertanejo é a popular, acessível as pessoas sem muitos estudos, como percebemos em suas comparações feitas a sua rima "Mas tudo é rima rastêra/ De fruita de jatobá,/ De fôia de gamelêra/ E fulô de trapiá/ E da poeira do caminho/ Quando a ventania vem. ". Novamente, a flora é mencionada desta vez através de árvores frutíferas que nascem espontaneamente.

Na 12ª estrofe, dois ambientes são citados o vale e a serra. Ambos característicos da paisagem sertaneja, "Se as vêz andando no vale" e "Quero repará pra serra".

A diferença que existe entre um poeta e o outro, é enfatizada mais uma vez, na 14ª estrofe nos dois primeiros versos, "Repáre que deferença/ Iziste na vida nossa:".

Um dos objetos utilizados pelos sertanejos feito artesanalmente aparece na 15ª estrofe, o isqueiro de chifre de boi, que se contrapõem ao isqueiro de metal, como identificamos nos versos " Tira do bôrsó um isquêro/ Do mais bonito metá/ Eu que não posso com isso,/ Puxo por meu artifiço/ Arranjado por aqui/ Feito de chifre de gado/ Cheio de algodão queimado/Boa pedra e bom fizi."

A partir da 16ª estrofe, ao invés de um distanciamento entre os poetas temos uma aproximação, pois as suas diferenças não são mais ressaltadas, mas as suas semelhanças "Só numa parte de vida/ Nóis dois somo bem iguá:", que é " Da coisa mió do mundo/ Nóis goza do mesmo tanto". O poeta refere-se a sua mulher e de forma bem humorada esclarece que "das coisa naturá/ Tem ela o que a sua tem.

Na 18ª estrofe, "Já lhe mostrei um ispeio/ Já lhe dei grande conseio.". O espelho nos reflete e foi o que o poeta do sertão tentou fazer com o outro enxergasse que não poderia cantar o sertão, porque não o conhece. Já para finalizar o poema insere-se o verso que o intitula "Cante lá que eu canto cá", com a intenção de intensificar a idéia novamente de que cada poeta cante o seu lugar.

Para revermos as informações importantes deste poema que revelam as particularidades do sertão, vejamos a tabela a seguir:

FLORA	". "unha-de-gato", "fulô", "jatobá", "gamelêra", "trapiá".
FAUNA	"passarinho".
GEOGRAFIA	"vale", e a "serra".
ALIMENTOS	"feijão", "mucunzá", "sarapaté
	Instrumentos utilizados na lida "paióça", roça", "inxada",

ELEMENTOS DA CULTURA	<p>"ferro pra trabaiá".</p> <p>Cigarro de paia de milho, isqueiro de chifre de gado.</p> <p>Cristianismo "Jesus", "Deus".</p>
----------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Na tabela acima, encontramos da flora quatro espécies de plantas típicas da caatinga. Já da fauna, temos apenas a menção ao passarinho, no entanto, não identificamos nenhuma espécie. Da geografia o destaque está no vale e na serra. Dos alimentos típicos cita-se três tipos o feijão, mucunzá, e o sarapaté. Dos elementos da cultura são ressaltados os instrumentos utilizados no cotidiano como a "paióça", a "roça", o "ferro pra trabaiá", (referindo-se a enxada). E ainda, os produtos artesanais como o "cigaro de paia de mio", o isquero de chifre de boi" e a "apragata currelete".

No tópico seguinte, iremos estudar outro poema de Patativa do Assaré, intitulado "A morte de Nãna".

3.4.2. A morte de Nãna

O poema "A morte de Nanã" (completo no, Anexo 7) de Patativa do Assaré é composto por vinte e uma estrofes de dez versos cada. Com esquema de rimas ababccdeed.

Iniciaremos pelo título do poema "A morte de Nanã" que já nos revela a morte de um personagem chamado Nanã.

O poema possui caráter narrativo e um narrador - personagem em 1ª pessoa que perpassa todas as suas estrofes. Já na 1ª estrofe, podemos identificá-lo " Eu vou contá uma história"

Todo o seu enredo, baseia-se em um profundo lamento, relacionado a uma grande perda, como podemos perceber nos versos "Pois é bem triste a sentença/ De quem perdeu na insistência/ O que mais amou na vida". Tal perda é tão grande que é muito difícil contá-la, como verificamos no 2º verso da 1ª estrofe "Que eu não sei como começe".

Na 2ª estrofe, o eu lírico começa a descrever-se fisicamente, juntamente com a sua vida. Ele revela que já está na velhice e que apesar de toda a sua pobreza, outrora, sentia-se afortunado por ter uma filha, que infelizmente, faleceu com seis anos e doze dias. A morte é demonstrada de uma maneira dura e fria, como os dois últimos versos dessa estrofe revela "Foi sacudida na cova/ Com seis ano e doze dia". O poeta poderia expressar-se com uma expressão mais leve como "ela foi interada ", mas ele optou por utilizar um verbo muito agressivo para esse contexto que é "sacudir", portanto, Nanã não foi interada, mas sacudida na cova. Já no final do poema, na 20ª estrofe este mesmo termo é retomado " O meu anjo pequenino/ Foi sacudido no fundo/ Do mais pobre cimitero".

Vale salientar ainda, nesta estrofe temos uma referência a um personagem bíblico que é Adão, considerado o pai de todas as gerações "Fui o mais afortunado/ De todos os fio de Adão".

A partir da 3ª estrofe, temos a descrição de sua filha ressaltando a sua perfeição, como no oitavo verso resgata "Sua face pura e bela". No nono e décimo versos surge o nome da menina, juntamente com o seu apelido, "Era Ana o nome dela/ Mas, eu chama Nanã".

Nesta estrofe, temos também uma metáfora, no 2º verso "Aquele anjo encantador", já que a imagem do anjo é associada a pureza, beleza e a sagrado.

Já na 4ª estrofe, encontramos a beleza da menina sendo comparada a da flor mais bonita no jardim de Tróia. Tal jardim faz parte da mitologia grego-romana e é reconhecido pela sua beleza, portanto, temos aqui, uma intertextualidade.

Na 5ª estrofe é destacada a alegria e a saúde de Nanã "Era lútrida e sadia", mesmo comendo os alimentos típicos dos pequenos agricultores sertanejos, como o feijão, o milho e a farinha ela é lembrada como sendo gorda, o que a algum tempo atrás era sinônimo de saúde. Nesta estrofe temos a repetição excessiva dessa ideia de gordura, no sexto verso " Era gorda, bem gordinha", no oitavo verso " Tão gorda que reluzia" e ainda, na comparação feita de seu corpo com uma banana maça, já que esta espécie de banana é mais redonda que as demais.

Na 6ª estrofe, encontramos o ofício do eu lírico o roçado, a atividade mais comum aos sertanejos. No roçado, geralmente, são plantadas as sementes de

feijão, milho e jerimum, todos em pequenas quantidades, apenas para o sustento da família.

A partir da 7ª estrofe e permanecendo até a última, o poema descreve a seca e os seus efeitos na vida dos pobres sertanejos. Na 7ª estrofe, temos uma referência ao cristianismo, no 1º verso " Mas, nesse mundo de cristo". A seca do sertão é associada ao sofrimento que ela causa aos sertanejos pela falta de alimentos, como o 6º e 7º versos apontam " Ao pobre farta feijão, farinha, mio e arrôis". O último alimento citado nesta estrofe, o arroz, ainda não havia sido mencionado neste poema. Outro dado importante que surge é o ano em que a menina faleceu que é o ano de 1932, muito marcante pela grande seca que atingiu o sertão, já que sucedeu um ano em que as chuvas também foram escassas.

Na 8ª estrofe, encontramos um novo personagem, o patrão do eu lírico, que o abandona segundo o narrador " Sem temê Deus nem o inferno". Os sertanejos buscaram alternativas para enfrentar a fome, na 8ª, 9ª e 10ª estrofes, podemos identificar através dos versos " Comendo caça do mato/ E goma de mucunã". A caça do mato refere-se a animais, como, o preá, o tatu-peba, o teiú e o camaleão, dentre outros. Já a goma do mucunã é extraída das sementes dessa planta que nasce espontaneamente pelos campos. Vejamos as suas sementes e o famoso preá.



Disponível em: : www.belezadacaatinga.blogspot.com , www.animaisdacaatingabrasil.blogspot.com
Acessado em:10/07/2015

Na 9ª estrofe, o poeta retoma a ideia de que gordura é sinônimo de saúde, "E inquanto a sua gordura/ No corpo diminuía,/ No meu coração crescia/ A minha grande tortura". Nestes versos encontramos um jogo antitético que se realiza entre a "gordura" que "diminuía" e a "tortura" que "crescia" em seu coração.

Na 10ª estrofe, é apresentado a goma de mucunã como alimento, através do angu e o rôxobejo, no entanto, a partir deste momento a menina recusa-se a comer e dessa estrofe em diante começa o seu definhamento. Temos o primeiro discurso direto vindo da fala de Nanã " Papai, ô comida ruim!".

Na 11ª estrofe, Nanã já está debilitada, pois passa os dias sem alimentar-se, e sem alegria sequer para brincar, como os versos 8º, 9º e 10º descrevem, "Não saía da tipóia/ A minha adorada jóia/ Infraquecida de fome". A tipóia é o nome dado as redes. já a metáfora de Nanã com uma jóia ocorre para qualificá-la como preciosa.

Na 12ª estrofe, há uma comparação entre o brilho dos olhos de Nanã e ao da luz de um candeeiro, objeto essencial nas moradias sertanejas, quando elas ainda não tinham o fornecimento da luz elétrica.

Na 13ª estrofe, a noite é utilizada para intensificar ainda mais o cenário melancólico do padecer de Nanã, ela é mencionada no 2º verso "Noite escura e sem lua" , tal ambiente sombrio, entra em contraste com o cenário que é transformado através do surgimento da aurora, nos versos 8º e 9º "E quando vêi o rompê/ Da linda e risonha orora ".A aurora é personificada ao ser adjetivada de risonha.

Da 14ª à 16ª estrofes, são apresentadas as últimas horas de vida de Nanã, marcadas pelo desprezo da sociedade e do próprio governo, "Por ali ninguém chegou", tal desprezo só é suprido pela visita dos passarinhos que cantam debaixo de um cajueiro "Veio um bando de Campina,/ De canaro e sabiá". Tanto os pássaros quanto o cajueiro são típicos do sertão. Vejamos a imagem dos pássaros seguindo a ordem dos verso:

FLORA

PLANTAS: "fulô", "cajuêro"



Disponível em: www.youtube.com , pt.wikipedia.org, www.correiodoestado.com.br,
 Acessado em:20/10/2015

A morte de Nanã aconteceu de forma lenta, no entanto, o seu último suspiro, é detalhado na 17ª estrofe. Na 18ª estrofe, os pássaros são retomados, juntamente com o seu canto que segundo o eu lírico nunca mais ouviu igual, pois "Era o bendito derradeiro".

A partir da 19ª estrofe até a 21ª, o eu lírico aponta quais os culpados pela morte de sua filha. Neste trecho encontramos uma crítica feita a burguesia que não toma medidas para ajudar o homem pobre do sertão a enfrentar os períodos de seca. "É a culpa não é de Deus, / A culpa é dos home rico".

Na 21ª estrofe, o lamento atinge o seu auge, quando o pai assume que a sua vida acabou "Eu sinto que inda touvivo/ Mas meu jeito é de defunto". O termo defunto neste verso é utilizado para definir uma metáfora, já que o defunto não possui mais nenhum sentimento, apenas permanece imóvel. Por fim, podemos ressaltar ainda nesta estrofe, a religiosidade que resiste apesar de todo o sofrimento, assumida através do ato de rezar, mesmo que para pedir que Nanã venha buscá-lo, ou seja, que ele também morra.

Para revermos as informações importantes deste poema sobre o sertão, vejamos a tabela a seguir:

FAUNA	PÁSSAROS: "bando de campina", "canaro" e "sabiá"
GEOGRAFIA	AMBIENTES: "terrêro", "paiôça"
ALIMENTOS	"feijão", "mio", "farinha", "arrôis", "caça do mato", "goma de mucumã".
ELEMENTOS DA CULTURA	Instrumentos: "candiêro", "tipóia (rede)" Ato de pedir benção.

Na tabela acima, encontramos da flora apenas duas plantas uma utilizada para decoração "fulô" e outra frutífera, o "cajuêro". Já da fauna, temos três espécies, todos populares pelo seu canto. Quanto à os dados geográficos temos dois ambientes o "terrêro" e a "paiôça". Dos alimentos típicos cita-se seis tipos. Todos relacionados a produção do pequeno agricultor. Dos elementos da cultura são ressaltados dois objetos mais populares no sertão, um fundamental nas moradias, antes da chegada da luz elétrica, o Candiêro", e a tipóia (a rede), até hoje, utilizadas nas casas, e ainda o ato de pedir a benção, como sinal de respeito aos mais velhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tínhamos como objetivos para essa pesquisa: Analisar a presença de aspectos da cultura popular, como festas, alimentação e costumes nos cordéis selecionados; estudar as possíveis modificações climáticas e seus possíveis efeitos no contexto, assim como, a representação da fauna e da flora; e apontar as características formais de cada poema e aspectos do estilo dos autores.

Em relação ao primeiro objetivo, observamos em *Suspiros de um sertanejo*, Leandro Gomes de Barros, exalta a saudade que sente das histórias que ele ouvia no sertão. Um dos costumes dos sertanejos, podemos perceber na 12ª estrofe "Os pais cantam histórias/ De séculos passados/ Botija enterrada/ E reinos de fadas". Já no poema "Cante lá que eu canto cá", Patativa do Assaré, faz uma crítica a esse tipo de história pelo fato de ter "Tanta deusa/ Tanta fada/ Tanto mistério e condão/ E ôtros negoço impossível/ Eu canto as coisa visive/ Do meu querido sertão". Desta maneira, enquanto o primeiro poeta exalta essas histórias encantadas o outro, as critica, justificando-se que canta a realidade do sertão.

Sobre as profissões, concluímos que ambos os poetas destacam o agricultor e a sua lida no roçado, juntamente, com as suas dificuldades no período da seca.

Verificamos ainda, que Leandro Gomes de Barros em *Suspiros de um sertanejo* acrescenta uma outra profissão que não encontramos nos outros poemas, que é a do vaqueiro. Este é descrito através da sua luta com o gado, suas vestimentas de couro, e ainda, pela festa de apartação que é comemorada no sertão com grande animação em que o principal personagem é o vaqueiro.

Percebemos ainda, que ambos os poetas demonstram o apego a religião nos momentos mais difíceis da seca. Merece destaque o poema *A morte de Nanã* de Patativa, porque apesar da morte de sua filha o eu lírico põem-se a rezar, mesmo que para pedir a Nanã que venha buscá-lo, ou seja, que seja para ele morrer.

Em ambos os poetas, verificamos um outro aspecto cultural que é o ato de esperar o inverno. Muito comum aos sertanejos que esperam ansiosos a chegada da chuva. Situação que não identificamos em outras regiões do país.

No poema *Cante lá que eu canto cá* de Patativa do Assaré, verificamos outro dado cultural que nos poemas de Leandro Gomes de Barros não encontramos, trata-se do mês de maio ser reconhecido como o mês das flores. Esse nome foi dado a esse mês pelo fato de que o inverno é recorrente favorecendo a floração das flores.

Já no poema *Suspiros de um sertanejo*, temos uma festa cultural, não mencionada nos outros poemas, que é o São João comemorado não apenas no sertão, mas em diversas partes do nordeste.

Ainda neste poema, vale salientar, a atividade dos violeiros, como percebemos na 4ª estrofe nos versos " O povo a cantar/ Viola a tocar".

Para finalizar, destacamos ainda, o poema *Cante lá que eu canto cá* de Patativa quando há a associação da gordura à saúde, estar gordo é está com saúde. Ainda neste poema, encontramos o ato de dar a benção aos pais, na 17ª estrofe, no 9º verso, "E disse: Bença, papai".

Quanto ao segundo objetivo, encontramos em ambos os poetas, os efeitos da seca e a falta que a chuva faz interferindo imediatamente na vida do homem sertanejo e na flora e fauna dessa região. Nos quatro poemas analisados, identificamos a pobreza gerada pela seca e , principalmente, a fome que ela traz, levando até a morte como em todos os poemas mencionados, exceto *Cante lá que eu canto cá*.

A representação da fauna e da flora sertaneja é encontrada nos quatro poemas. Em todos os poemas,(exceto em *A morte de Nanã*), a fauna e a flora são descritas no período de inverno (fatura) e de verão (escassez). Vale salientar ainda, que os poemas, aqui analisados, de Leandro Gomes de Barros mostram de forma mais detalhada os animais e as plantas, pois cita até as espécies de abelhas, aves e plantas.

Quanto ao terceiro objetivo, percebemos que na escrita dos poemas, os de Leandro Gomes de Barros a linguagem utilizada é mais formal do que a utilizada por Patativa do Assaré, como podemos perceber a escrita de seus poemas não segue a norma padrão da língua portuguesa.

Vale ressaltar ainda, que quanto ao número de estrofes dos poemas analisados se aproximam, (*A seca do Ceará* com 18 estrofes. *Cante lá que eu canto cá* com 17 estrofes e *A morte de Nãna* com 21 estrofes), com exceção de *Suspiros de um sertanejo* com 51 estrofes, com cerca do dobro de estrofes dos outros poemas.

Enquanto a nossa experiência, podemos afirmar que foi gratificante termos essa oportunidade de analisar o sertão em poemas de dois grandes poetas populares que continuam atuais em seus temas e críticas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ALVES, José Hélder Pinheiro. **Patativa do Assaré: eu canto o sertão que é meu**.

ANDRADE, Manoel Correia de Andrade. **A terra e o homem no nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no nordeste**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1986.

ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu canto cá**. 3.ed. Petrópolis/Crato:vozes/ Fundação Pe.Ibiapina e Instituto Cultural do Cariri, 1980.

ASSARÉ, Patativa. **A morte de Nanã**. Disponível em: <http://blogdomimica.blogspot.com.br/2011/12/poema-em-linha-reta-fernando-pessoa-por.html> Acessado em: 15/09/2014.

BRITO, Antonio Iraildo Alves de. **Patativa do Assaré: porta-voz do sertão** Disponível em: www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/133/124

BARROS, Leandro Gomes. **A seca do Ceará** Disponível em :<http://www.ablc.com.br/popups/cordeldavez/cordeldavez039.htm>. Acessado em:15/09/2014.

BARROS, Leandro Gomes. **Suspiros de um sertanejo** Disponível em:http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/modules/busca/listar_projeto.php?cod=12&from=5. Acessado em: 15/09/2014.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 51.

CASCUDO, Câmara. Luis da. **Vaqueiros e cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco**, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceara. Porto Alegre : Globo, 1939. 274p.

COSTA, Gutemberg. **Dicionário de poetas populares cordelistas**. Mossoró: Ed. Quima-Bucha, 2004.

CURRAN, Mark J. **Relembrando a velha literatura de cordel e a voz dos poetas**. ed. Trafford .2014

DANTAS, Janduhi. **As figuras de linguagem na linguagem do cordel.**Petrópolis, RJ; Vozes, 2014.

EDITORA. Saraiva(org.).**Saraiva jovem:Dicionário de língua portuguesa.**São Paulo, 2010.

FILHO, Antônio Nóbrega. FEITOSA, Fátima(ORG.) **Patativa do Assaré 100 anos de poesia.** 2009. Disponível em: www.al.ce.gov.br/index.php/publicacoes?download=188..

LEAL, Inara R . TABARELLI, Marcelo José. SILVA. Maria Cardoso **Ecologia e conservação da caatinga.** 2ª ed. Recife: Ed.Universitária da UFPE, 2005.Disponível em: www.mma.gov.br/.../5_livro_ecologia_e_conservao_da_caatinga_203.p... Acessado em: 02/10/2015.

LUYTEN. Joseph M. **O que é literatura popular.** São Paulo: Brasiliense,1983.

MARINHO, Ana Cristina. ALVES, Hélder Pinheiro. **O cordel no cotidiano escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel.**Rio de janeiro:7 letras, 2010.

PEREGRINO, Umberto. **Literatura de cordel em discussão.** Rio de janeiro. Presença, 1984.

RAMALHO, Elba Braga. **Cantoria nordestina: pensando uma estética da cultura oral.** 2001.Disponível em: <http://www.iaspmal.net/wp-content/uploads/2011/12/Ramalho.pdf>. Acessado em: 15/05/2015

SUASSUNA, João. **SEMI-ÁRIDO: proposta de convivência com a seca**2002. Disponível em:http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&id=659&Itemid=376. Acessado em: 22/06/2015

VIANA, Arievaldo. **140 anos de nascimento de Leandro Gomes de Barros, o rei da Literatura de Cordel.** Disponível em: <http://www.camarabrasileira.com/cordel77.htm>>. Acesso em: 16 maio 2015.

RAMALHO, Elba Braga. **Cantoria nordestina: Pensando uma estética da cultura oral.**2001.Disponível em:<http://www.iaspmal.net/wp-content/uploads/2011/12/Ramalho.pdf>.Acessado em: 20/10/2015.

LINHARES, Sérgio & GEWANDSZBAJDER, Fernando. **Biologia Hoje** - Vol 3. São Paulo: ed. Ática, 1998.

ANEXOS

(ANEXO 1)

Fauna

Sapo- cururu



Beija-flor



Camaleão



Jia de parede

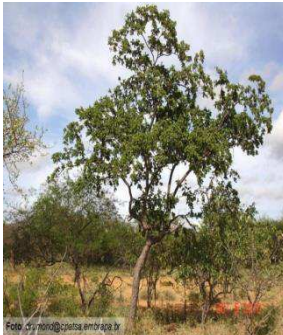


www.frigoletto.com.br , gereblog.blogspot.com, www.frigoletto.com.br <http://jornalggn.com.br/blog/lucianohortencio/meu-presente-de-natal-um-ninho-de-sabias>. Acessado em 13/ 06/2015.

(Anexo 2)

Flora

Aroeira



Angico



Juazeiro



Disponível em: www.agencia.cnptia.embrapa.br, www.agencia.cnptia.embrapa.br, www.focadoemvoce.com. Acessado em: 14/07/2015.

Caroá da caatinga



Coroa de frade



Malícia-de-mulher, Dormideira ou juquiri



Disponível em: www.cerratinga.org.br, www.cerratinga.org.br. www.luizberto.com Acessado em: 10/06/2015.

Mandacaru



Palma



Catingueira



Disponível em: www.ruralcentro.uol.com.br, www.arymoura.wordpress.com, www.miguelzinhodebras.wordpress.com. Acessado em: 08/ 10/2015.

Jurema branca



Umburana-de-cheiro, imburana-de-cheiro, cumaru



Disponível em: www.flickr.com, www.onordeste.com. Acessado em: 08/10/2015

(Anexo 3)

Pequena autobiografia publicada no livro "Cante lá que eu canto cá" de Patativa do Assaré (1970)

Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva, e de Maria Pereira da Silva, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana, que dista três léguas da cidade de Assaré. Meu pai, agricultor muito pobre, era possuidor de uma pequena parte de terra, a qual depois de sua morte, foi dividida entre cinco filhos que ficaram, quatro homens e uma mulher. Eu sou o segundo filho. Quando completei oito anos fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu

irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza. Com a idade de doze anos, freqüentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor.

Saí da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não freqüentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim. Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-lo. De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os serranos, pois o sentido de tais versos era o seguinte: Brincadeiras de noite de São João, testamento do Juda, ataque aos preguiçosos, que deixavam o mato estragar os plantios das roças, etc. Com 16 anos de idade, comprei uma viola e comecei a cantar de improviso, pois naquele tempo eu já improvisava, glosando os motes que os interessados me apresentavam. Nunca quis fazer profissão de minha musa, sempre tenho cantado, glosado e recitado, quando alguém me convida para este fim. Quando eu estava nos 20 anos de idade, o nosso parente José Alexandre Montoril, que mora no Estado do Pará, veio visitar o Assaré, que é seu torrão natal, e ouvindo falar de meus versos, veio à nossa casa e pediu a minha mãe, para que ela deixasse eu ir com ele ao Pará, prometendo custear todas as despesas. Minha mãe, embora muito chorosa, confiou-me ao seu primo, o qual fez o que prometeu, tratando-me como se trata um próprio filho. Chegando ao Pará, aquele parente apresentou-me a José Carvalho, filho de Crato, que era tabelião do 1º Cartório de Belém. Naquele tempo José Carvalho estava trabalhando na publicação de seu livro *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará*, o qual tem um capítulo referente a minha pessoa e o motivo da viagem ao Pará. Passei naquele Estado apenas cinco meses, durante os quais não fiz outra coisa, senão cantar ao som da viola com os

cantadores que lá encontrei. De volta do Ceará, José Carvalho deu-me uma carta de recomendação, para ser entregue à Dra. Henriqueta Galeno, que recebendo a carta, acolheu-me com muita atenção em seu Salão, onde cantei os motes que me deram. Quando cheguei na Serra de Santana, continuei na mesma vida de pobre agricultor; depois casei com uma parenta e sou hoje pai de uma numerosa família, para quem trabalho na pequena parte de terra que herdei de meu pai. Não tenho tendência política, sou apenas revoltado contra as injustiças que venho notando desde que tomei algum conhecimento das coisas, provenientes talvez da política falsa, que continua fora do programa da verdadeira democracia.

Nasci a 5 de março de 1909. Perdi a vista direita, no período da dentição, em consequência da moléstia vulgarmente conhecida por Dor-d'olhos.

Desde que comecei a trabalhar na agricultura, até hoje, nunca passei um ano sem botar a minha roçazinha, só não plantei roça, no ano em que fui ao Pará.

ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu canto cá**, 1970.

(Anexo 4)

**Suspiros de um sertanejo (Leandro
Gomes de Barros)**

Minha alma triste suspira
Em deslumbrante desejo:
Eu choro por minha terra
Há tempos que não a vejo:
São suspiros arrancados
Do peito de um sertanejo

Morro não me esqueço
De tudo que encerra
Essa santa terra
Meu sagrado berço!
Meu sertão de apreço
Solo abençoado
Hoje desterrado
Me vejo proscrito
Arrancando um grito
De um peito cansado.
Hei de cantar as belezas

Daquela terra encantada.
 Só digo o que ela tiver
 Não gero exagerar nada,
 A natureza lhe deu
 Nome de Jardim de Fada.

E como devera
 Não há mais mimosa
 Pela primavera!
 Oh! Deus! Quem me dera!
 As coisas dali,
 E ver o que vi
 Enquanto criança,
 Mas a esperança
 De todo perdi.

Deslumbra a alma que vê
 Aquele grato arrebol
 Quando a brisa fresca e mansa
 Bafeja ao sair do sol
 Pela Biqueira da casa
 Canta alegre o rouxinol.

Que manhãs saudosas!
 Que horas de amores!
 Quando os Beija-flores
 Com asas garbosas,
 Com penas lustrosas
 Vêm se peneirando
 E examinando
 Ver se o Camará

Ou o maracujá
 Já está florando!

As tardes lá são tão belas
 E chamam tanto atenção
 Que embrandecem de momento
 O mais duro coração,
 Não pode cantar no mundo
 Quem nunca viu o sertão.

Quem nunca passou
 Pelo Seridó
 E pelo Piancó
 Nunca viajou,
 Não saboreou
 O mel de Abreu
 Um desses nasceu
 Em hora esquecida
 Passou pela vida
 Porém não viveu.

Aquela terra de amores
 Do meu coração não sai
 Visito-a sempre nos sonhos
 As noites minh'alma vai
 Ver a terra onde primeiro
 Chamei mamãe e papai...

Não posso deixar
 De cantar a terra
 De lá uma serra

Não deixo passar!
Meu amor, meu lar,
Meu bem, meu prazer
Para que viver
Afastado dela,
Olhando pra ela
Queria morrer.

Ali as noites de lua
As crianças nos terreiros
Correndo descalças, nuas
E fitando os nevoeiros
A esperar que a lua
Nascesse atrás dos outeiros.

Meninos levados
Em noites de glórias,
Os pais contam histórias
De séculos passados,
Príncipes encantados,
Botija enterrada,
Fortuna dobrada
E reinos de outrora
Até vir a hora
De comer coalhada.

Muitas dessas belas noites
Passei eu tão descansado
Quando a idade era um sonho
A vida um mundo dourado,
Os dias campos, com flores,

As noites, berço encantado.

Eu era pequeno
De nada entendia
Brincava e corria
Exposto ao sereno,
Naquele terreno
De grande tamanho
Hoje até me acanho
De exaltar ele
Porque tomei nele.
Meu primeiro banho.

Lá a vida é descansada
De Agosto pra Setembro
Broca-se logo o roçado
Toca-se fogo em Novembro
Fica aguardando as primeiras
Trovoadas de Dezembro.

Quando na espera
Do inverno estamos
De manhã olhamos
Para a atmosfera
Vemos na esfera
O tempo mudado
O vento parado
O sol diferente
E já no nascente
Nevoeiro amado.

O sol nasce muito brando
 O vento desaparece
 De noite na lua há círculo
 E o nascente escurece
 O gado urra no campo
 O chão de várzea umedece.

Tudo a esperar
 Olha de hora em hora,
 Diz, parece agora
 Que ouvi trovejar
 Ouvi ressoar,
 Presenciei bem,
 Não fica ninguém
 Que não vá olhar
 Para observar
 Se é chuva que vem.

Olha-se para o nascente
 Vê-se aquela escuridão
 As nuvens aglomeradas
 Tomando de vão em vão,
 Sopra o vento, abre o relâmpago
 Com pouco estronda o trovão.

Sangram os nevoeiros
 O chão se alagando
 A água arrastando
 Paul dos outeiros
 Buscando ribeiros
 Para eles unir-se

Então extrair-se
 Do céu um tesouro
 Esse riso de ouro
 Que faz tudo rir-se.

Chove, por exemplo, hoje
 Eis o festim no Agreste
 Canta o sapo na lagoa
 O canário no cipreste,
 Cupim cria asa e voa
 Com pouco o mato se veste.

Flora o Camará,
 Enrama o Pereiro,
 Marva e Candeeiro,
 Cocão, Trapiá,
 Mufumbo e Ingá
 Angico, Aroeira,
 Jurema, Craibeira,
 Catinga-de-porco
 Demora -se um pouco
 Por ser mais ronqueira.

Com a chegada da chuva
 A passarada em folia
 Parece se reunir
 Para festejar o dia
 É uma festa sublime
 De cantiga e poesia.

Os Guriatãs

E os Curiós
 No rio os Socós
 E as Jaçanãs,
 As Maracanãs,
 As Mexeriqueiras,
 Tetéus, Lavadeiras,
 Saem os Pirilampos,
 Os Poldros nos campos
 Disputam carreiras.

O saudoso sabiá
 Cantando alegre de seu
 E a Graúna nos ares
 O Xexéu e o Sofreu
 Como quem diz um ao outro,
 Não sabes, mano? Choveu!

Apitam os Nambus,
 Geme as Juritís,
 Voa a Cordoniz,
 Grasnam os Urubus,
 Passeiam os Jacus,
 Canta a Seriema,
 Escaramuça a Ema,
 A Marreca voa
 Dentro da lagoa
 O putrilhão rema.

Chove ali dois ou três dias
 Depois que a chuvada passa
 A vida pulsa nos campos

A ave, a formiga, a caça,
 Cantam sapos na lagoa
 Parece música na praça.

Ensaia primeiro
 Mestre Cururu
 Num turututu
 Que é um desespero!
 Chia o Caldeireiro,
 Berra o Sapo-boi
 Um repete: Oi,
 O outro: Aleluia!
 A Rã raspa a cuia,
 Diz outro: Foi,foi.

Depois que chove dez dias
 Ali todo o mato flora
 Toda abelha que existe
 Vai e vem a toda hora
 Pousa na flor, tira pólen
 Depois voa e vai embora.

Chega a Tataíra,
 Boca - de - limão
 Vem o Sanharão,
 Canudo e Cupira,
 Chega a Jandaira,
 Moça - branca, Exu,
 Jati, Capuxu,
 Mosquitinho - da - praia,
 Vem a Mandaçaia,

Tubiba, Uruçu.

Pulam os carneiros no pátio,
 Urra o touro com assombro
 Torcendo o mato nos chifres
 Fazendo na terra um rombo
 Cavando terra com o casco
 Jogando terra no lombo.

Os bodes berrando,
 Correndo os garrotes
 E os novilhotes
 Pontas amolando,
 Cabritos saltando
 Pelos tabuleiros
 Descem dos outeiros
 As cabras paridas
 Porque são tangidas
 Por Pais - de - chiqueiros.

Deixemos agora aqui.
 A vida dos animais
 Trataremos da vida humana
 Que nos interessa mais
 Com relação ao inverno
 A riqueza que nos traz.

O agricultor
 Diz com grande espanto
 Amanhã eu planto
 Seja como for!

Com trabalhador
 Faço a plantação
 Está molhado o chão
 Vou lá com meu filho
 Ele planta o milho
 Eu planto o feijão.

Diz a mulher: Meu marido
 Agora que me recorda
 De lhe dizer que não plante
 Fava nem Feijão - de corda,
 Diz o velho: Minha velha
 O que não nos mata engorda...

Há muito quem diga
 Faltas que ele tem
 Mas se come bem
 Enche-se a barriga!
 Só não planto urtiga
 Porque não se come
 Mas se ele se come
 Que se fará dele?
 Muitas vezes ele
 Matou-nos a fome.

Segue a rapaziada
 Dão começo a plantação
 Os moços cavando a terra
 Velhos plantando feijão
 A velha mais as meninas
 Plantam milho e algodão

Plantado em Janeiro
 Se a chuva não falta
 Não tendo lagarta
 Até Fevereiro

O Jerimunzeiro
 Vai logo estendendo,
 O milho crescendo
 Já no fim de Março
 Não tendo embaraço
 Alguns vão comendo.

De Abril pra chegar Maio
 Já é enorme a fartura
 Vai se batendo o feijão
 Tem muita fava madura
 Começam virar o milho
 A lavoura está segura.

São João animado
 A terra está rica
 É tanta canjica,
 Tanto milho assado!
 O samba trincado
 Em toda casinha
 Da sala a cozinha
 O povo a cantar,
 Viola a tocar
 Dançar Mulatinha.

Meu leitor ia esquecendo

De tratar da criação,
 Não só matava a história
 Como atrasava a ação
 Visto o começo da obra
 Ser dirigido ao Sertão.

Com todo cuidado
 Diz o fazendeiro:
 - Eu mando o vaqueiro
 Ajuntar o gado
 E ele apressado
 Faz-se logo ao val
 Pelo matagal
 Segue a vaqueirama
 Aboiando chama
 O gado ao curral.

É belo ver - se nos campos
 Os vaqueiros encourados
 Tangendo aboio saudoso
 Dando a conhecer aos gados
 Que compareçam a revista
 Como se fossem soldados.

É o criador
 Que o gado ensina
 Pela disciplina
 Que é o senhor
 Vá aonde for
 Gado não se esconde
 E no lugar onde

Ouvem aboiar
Pega a se juntar
E urrando responde.

Essa revista que eu falo
Chama-se de apartação
Uma das maiores festas
Mais faladas no Sertão
Nem um carnaval da praça
Tem tanta apreciação.

Quem no mês de Abril
Por ali andou
Diz que já passou
Por belezas mil
Viu um céu de anil,
Um campo de ouro,
Viu um grande touro
Vir dos matagais
E um vaqueiro atrás
Com veste de couro.

Então naquela fazenda
Que o gado há de se juntar
Há uma festa soberba
Tem muito que apreciar
O resto daquele ano
Inda se ouve falar.

É na apartação
Que ver-se os valores

Dos vaquejadores
Que há no Sertão
Quando um Barbatão
Espirra ligeiro
Grita-lhe o vaqueiro
- Trate de correr!
Havemos de ver
Quem cansa primeiro.

O cavalo que já é
Costumado a vaquejar
Se aproxima do boi
Para o vaqueiro pegar
De fora a gente só ver
É o mocotó passar.

É belo ver a chegada
Do gado para o curral
Os vaqueiros encourados
Tirando o gado do val
Cuidando que os novilhos
Não entrem no mufumbal.

O touro se vê
No sol muito quente
Vaqueiros na frente
Não o deixam correr
Pega a arremeter
Fazendo explosão
E faz a menção
De fugir ligeiro

Mais forte o vaqueiro

Estende-o no chão.

(Anexo 5)

Leandro Gomes de Barros

A Seca do Ceará

Seca as terras as folhas caem,
Morre o gado sai o povo,
O vento varre a campina,
Rebenta a seca de novo;
Cinco, seis mil emigrantes
Flagelados retirantes
Vagam mendigando o pão,
Acabam-se os animais
Ficando limpo os currais
Onde houve a criação.

Não se vê uma folha verde
Em todo aquele sertão
Não há um ente d'aqueles
Que mostre satisfação
Os touros que nas fazendas
Entravam em lutas tremendas,
Hoje nem vão mais o campo
É um sítio de amarguras
Nem mais nas noites escuras
Lampeja um só pirilampo.

Aqueles bandos de rolas
Que arrulavam saudosas
Gemem hoje coitadinhas
Mal satisfeitas, queixosas,

Aqueles lindos tetéus
Com penas da cor dos céus.
Onde algum hoje estiver,
Está triste mudo e sombrio
Não passeia mais no rio,
Não solta um canto sequer.

Tudo ali surdo aos gemidos
Visa o aspecto da morte
Como a nauta em mar estranho
Sem direção e sem Norte
Procura a vida e não vê,
Apenas ouve gemer
O filho ultimando a vida
Vai com seu pranto o banhar
Vendo esposa soluçar
Uma adeus por despedida.

Foi a fome negra e crua
Nódoa preta da história
Que trouxe-lhe o ultimatum
De uma vida provisória
Foi o decreto terrível
Que a grande pena invisível
Com energia e ciência
Autorizou que a fome
Mandasse riscar meu nome
Do livro da existência.

E a fome obedecendo
 A sentença foi cumprida
 Descarregando lhe o gládio
 Tirou-lhe de um golpe a vida
 Não olhou o seu estado
 Deixando desamparado
 Ao pé de si um filinho,
 Dizendo já existisses
 Porque da terra saíesses
 Volta ao mesmo caminho.

Vê-se uma mãe cadavérica
 Que já não pode falar,
 Estreitando o filho ao peito
 Sem o poder consolar
 Lança-lhe um olhar materno
 Soluça implora ao Eterno
 Invoca da Virgem o nome
 Ela débil triste e louca
 Apenas beija-lhe a boca
 E ambos morrem de fome.

Vê-se moças elegantes
 Atravessarem as ruas
 Umas com roupas em tira
 Outras até quase nuas,
 Passam tristes, envergonhadas
 Da cruel fome, obrigadas
 Em procura de socorros
 Nas portas dos potentados,
 Pedem chorando os criados
 O que sobrou dos cachorros.

Aqueles campos que eram

Por flores alcatifados,
 Hoje parecem sepulcros
 Pelos dias de finados,
 Os vales daqueles rios
 Aqueles vastos sombrios
 De frondosas trepadeiras,
 Conserva a recordação
 Da cratera de um vulcão
 Ou onde havia fogueiras.

O gado urra com fome,
 Berra o bezerro enjeitado
 Tomba o carneiro por terra
 Pela fome fulminado,
 O bode procura em vão
 Só acha pedras no chão
 Põe-se depois a berra,
 A cabra em lástima completa
 O cabrito inda penetra
 Procurando o que mamar.

Grandes cavalos de selas
 De muito grande valor
 Quando passam na fazenda
 Provocam pena ao senhor
 Como é diferente agora
 Aquele animal de que outr'ora
 Causava admiração,
 Era russo hoje está preto
 Parecendo um esqueleto
 Carcomido pelo chão.

Hoje nem os pássaros cantam
 Nas horas do arrebol

O juriti não suspira
 Depois que se põe o sol
 Tudo ali hoje é tristeza
 A própria cobra se pesa
 De tantos que ali padecem
 Os camaradas antigos
 Passaem pelos seus amigos
 Fingem que não os conhecem.

Santo Deus! Quantas misérias
 Contaminam nossa terra!
 No Brasil ataca a seca
 Na Europa assola a guerra
 A Europa ainda diz
 O governo do país
 Trabalha para o nosso bem
 O nosso em vez de nos dar
 Manda logo nos tomar
 O pouco que ainda se tem.

Vê-se nove, dez, num grupo
 Fazendo súplicas ao Eterno
 Crianças pedindo a Deus
 Senhor! Mandai-nos inverno,
 Vem, oh! grande natureza
 Examinar a fraqueza
 Da frágil humanidade
 A natureza a sorrir
 Vê-la sem vida a cair
 Responde: o tempo é de balde.

Mas tudo ali é de balde
 O inverno é soberano
 O tempo passa sorrindo

Por sobre o cadáver humano
 Nem uma nuvem aparece
 Alteia o dia o sol cresce
 Deixando a terra abrasada
 E tudo a fome morrendo
 Amargos prantos descendo
 Como uma grande enxurrada.

Os habitantes procuram
 O governo federal
 Implorando que os socorra
 Naquele terrível mal
 A criança estira a mão
 Diz senhor tem compaixão
 E ele nem dar-lhe ouvido
 É tanto a sua fraqueza
 Que morrendo de surpresa
 Não pode dar um gemido.

Alguém no Rio de Janeiro
 Deu dinheiro e remeteu
 Porém não sei o que houve
 Que cá não apareceu
 O dinheiro é tão sabido
 Que quis ficar escondido
 Nos cofres dos potentados
 Ignora-se esse meio
 Eu penso que ele achou feio
 Os bolsos dos flagelados.

O governo federal
 Querendo remia o Norte
 Porém cresceu o imposto
 Foi mesmo que dar-lhe a morte

Um mete o facão e rola-o
 O Estado aqui esfolo-o
 Vai tudo dessa maneira
 O município acha os troços
 Ajunta o resto dos ossos
 Manda vendê-los na feira.

(Anexo 6)

Cante Lá Que Eu Canto Cá (Patativa do Assaré)

Poeta, cantô de rua,
 Que na cidade nasceu,
 Cante a cidade que é sua,
 Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
 Aqui, Deus me ensinou tudo,
 Sem de livro precisá
 Por favô, não mêxa aqui,
 Que eu também não mexo aí,
 Cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducação,
 Aprendeu munta ciência,
 Mas das coisa do sertão
 Não tem boa esperiença.
 Nunca fez uma paioca,
 Nunca trabaiou na roça,
 Não pode conhecê bem,
 Pois nesta penosa vida,
 Só quem provou da comida
 Sabe o gosto que ela tem.

Pra gente cantá o sertão,
 Precisa nele morá,
 Tê armoço de feijão

E a janta de mucunzá,
 Vivê pobre, sem dinhêro,
 Socado dentro do mato,
 De apragata currelepe,
 Pisando inriba do estrepe,
 Brocando a unha-de-gato.

Você é muito ditoso,
 Sabe lê, sabe escrevê,
 Pois vá cantando o seu gozo,
 Que eu canto meu padecê.
 Inquanto a felicidade
 Você canta na cidade,
 Cá no sertão eu infrento
 A fome, a dô e a misera.
 Pra sê poeta divera,
 Precisa tê sofrimento.

Sua rima, inda que seja
 Bordada de prata e de ôro,
 Para a gente sertaneja
 É perdido este tesôro.
 Com o seu verso bem feito,
 Não canta o sertão dereito,
 Porque você não conhece
 Nossa vida aperreada.
 E a dô só é bem cantada,
 Cantada por quem padece.

Só canta o sertão dereito,
 Com tudo quanto ele tem,
 Quem sempre correu estreito,
 Sem proteção de ninguém,
 Coberto de precisão
 Suportando a privação
 Com paciência de Jó,
 Puxando o cabo da inxada,

Na quebrada e na chapada,
Moiadinho de suó.

Amigo, não tenha quêxa,
Veja que eu tenho razão
Em lhe dizê que não mêxa
Nas coisa do meu sertão.
Pois, se não sabe o colega
De quá manêra se pega
Num ferro pra trabaiá,
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.

Repare que a minha vida
É deferente da sua.
A sua rima pulida
Nasceu no salão da rua.
Já eu sou bem deferente,
Meu verso é como a simente
Que nasce inriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obra da criação.

Mas porém, eu não invejo
O grande tesôro seu,
Os livro do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima com preta,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô.

Seu verso é uma mistura,
É um tá sarapaté,

Que quem tem pôca leitura
Lê, mais não sabe o que é.
Tem tanta coisa incantada,
Tanta deusa, tanta fada,
Tanto mistéro e condão
E ôtros negoço impossible.
Eu canto as coisa visive
Do meu querido sertão.

Canto as fulô e os abróio
Com todas coisa daqui:
Pra toda parte que eu óio
Vejo um verso se bulí.
Se as vêz andando no vale
Atrás de curá meus male
Quero repará pra serra
Assim que eu óio pra cima,
Vejo um divule de rima
Caindo inriba da terra.

Mas tudo é rima rastêra
De fruita de jatobá,
De fôia de gamelêra
E fulô de trapiá,
De canto de passarinho
E da poêra do caminho,
Quando a ventania vem,
Pois você já tá ciente:
Nossa vida é deferente
E nosso verso também.

Repare que deferença
Iziste na vida nossa:
Inquanto eu tô na sentença,
Trabaiando em minha roça,
Você lá no seu descanso,
Fuma o seu cigarro mando,
Bem perfumado e sadio;

Já eu, aqui tive a sorte
De fumá cigarro forte
Feito de paia de mio.

Você, vaidoso e facêro,
Toda vez que qué fumá,
Tira do bôorso um isquêro
Do mais bonito metá.
Eu que não posso com isso,
Puxo por meu artifiço
Arranjado por aqui,
Feito de chifre de gado,
Cheio de argodão queimado,
Boa pedra e bom fuzí.

Sua vida é divirtida
E a minha é grande pená.
Só numa parte de vida
Nóis dois samo bem iguá:
É no dereito sagrado,
Por Jesus abençoado
Pra consolá nosso pranto,
Conheço e não me confundo
Da coisa mió do mundo
Nóis goza do mesmo tanto.

Eu não posso lhe invejá
Nem você invejá eu,
O que Deus lhe deu por lá,
Aqui Deus também me deu.
Pois minha boa muié,
Me estima com munta fé,
Me abraça, beja e qué bem
E ninguém pode negá
Que das coisa naturá
Tem ela o que a sua tem.

Aqui findo esta verdade
Toda cheia de razão:
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão.
Já lhe mostrei um ispeio,
Já lhe dei grande conseio
Que você deve tomá.
Por favô, não mexa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.

(Anexo 7)

A Morte de Nanã (Patativa do Assaré)

Eu vou contá uma história
Que eu não sei como comece,
Pruquê meu coração chora,
A dor no meu peito cresce,
Aumenta o meu sofrimento
E fico ouvindo o lamento
De minha alma dolorida,
Pois é bem triste a sentença,
De quem perdeu na existência
O que mais amou na vida.

Já tô véio, acabrunhado,
Mas em riba deste chão,
Fui o mais afortunado
De todos filhos de Adão.
Dentro da minha pobreza,
Eu tinha grande riqueza:
Era uma querida filha,
Porém morreu muito nova.
Foi sacudida na cova
Com seis ano e doze dia.

Morreu na sua inocência
Aquele anjo encantadô,
Que foi na sua existência,
A cura da minha dor
E a vida do meu vivê.

Eu beijava, com prazê,
 Todo dia de manhã,
 Sua face pura e bela.
 Era Ana o nome dela,
 Mas eu chamava Nanã.

Nanã tinha mais primô
 Do que as mais bonita jóia,
 Mais linda do que as fulô
 De um tá de Jardim de Tróia
 Que fala o doutô Conrado.
 Seu cabelo cacheado,
 Preto da cor de veludo.
 Nanã era meu tesouro,
 Meu diamante, meu ouro,
 Meu anjo, meu céu, meu tudo.

Pelo terreiro corria,
 Sempre se rindo e cantando,
 Era nutrida e sadia,
 Pois, mesmo se alimentando
 Com feijão, milho e farinha,
 Era gorda, bem gordinha
 Minha querida Nanã,
 Tão gorda que reluzia.
 O seu corpo parecia
 Uma banana maçã.

Todo dia, todo dia,
 Quando eu voltava da roça,
 Na mais completa alegria,

Dentro da minha paióça
 Minha Nanã eu achava.
 Por isso, eu não invejava
 Riqueza nem posição
 Dos grande deste país,
 Pois eu era o mais feliz
 De todos filho de Adão.

Mas, neste mundo de Cristo,
 Pobre não pode gozá.
 Eu, quando me lembro disto,
 Dá vontade de chorá.
 Quando há seca no sertão,
 Ao pobre falta feijão,
 Farinha, milho e arroz.
 Foi isso que aconteceu:
 A minha filha morreu,
 Na seca de trinta e dois.

Vendo que não tinha inverno,
 O meu patrão, um tirano,
 Sem temê Deus nem o inferno,
 Me deixou no desengano,
 Sem nada mais me arranjá.
 Teve que se alimentá,
 Minha querida Nanã,
 No mais penoso maltrato,
 Comendo caça do mato
 E goma de mucunã.

E com as braba comida,

Aquela pobre inocente
Foi mudando a sua vida,
Foi ficando diferente.
Não se ria nem brincava,
Bem pouco se alimentava
E enquanto a sua gordura
No corpo diminuía,
No meu coração crescia
A minha grande tortura.

Quando ela via o angu,
Todo dia de manhã,
Ou mesmo o rôxo bêjú
Da goma da mucunã,
Sem a comida querer,
Oiava pro de comê,
Depois oiava pra mim
E o meu coração doía,
Quando Nanã me dizia:
Papai, ô comida ruim!

Se passava o dia inteiro
E a coitada não comia,
Não brincava no terreiro
Nem cantava de alegria,
Pois a falta de alimento
Acaba o contentamento,
Tudo destrói e consome.
Não saía da tipóia
A minha adorada jóia,
Enfraquecida de fome.

Daqueles óio tão lindo
Eu via a luz se apagando
E tudo diminuindo.
Quando eu tava reparando
Os oínho da criança,
Vinha na minha lembrança
Um candieiro vazio
Com uma tochinha acesa
Representando a tristeza
Bem na ponta do pavio.

E, numa noite de agosto,
Noite escura e sem luá,
Eu vi crescer meu desgosto,
Eu vi crescer meu pená.
Naquela noite, a criança
Se achava sem esperança.
E quando veio o rompê
Da linda e risonha aurora,
Faltava bem poucas hora
Pra minha Nanã morrer.

Por ali ninguém chegou,
Ninguém reparou nem viu
Aquela cena de horrô
Que o rico nunca assistiu,
Só eu e minha muié,
Que ainda cheia de fé
Rezava pro Pai Eterno,
Dando suspiro magoado

Com o seu rosto moiado
Das água do amô materno.

E, enquanto nós assistia
A morte da pequenina,
Na manhã daquele dia,
Veio um bando de campina,
De canário e sabiá
E começaram a cantá
Um hino santificado,
Na copa de um cajueiro
Que havia bem no terreiro
Do meu rancho esburacado.

Aqueles pássaro cantava,
Em louvô da despedida,
Vendo que Nanã deixava
As miséria desta vida.
Pois não havia recurso,
Já tava fugindo os pulso.
Naquele estado mesquinho,
la apressando o cansaço,
Seguindo pelo compasso
Das música dos passarinho.

Na sua pequena boca
Eu vi os lábio tremendo
E, naquela aflição louca,
Ela também conhecendo
Que a vida tava no fim,
Foi arregalando pra mim

Os tristes oinho seu,
Fez um esforço ai, ai, ai,
E disse: “abença papai!”
Fechou os ói e morreu.

Enquanto finalizava
Seu momento derradeiro,
Lá fora os pássaro cantava,
Na copa do cajueiro.
Em vez de gemido e chôro,
As ave cantava em coro.
Era o bendito perfeito
Da morte de meu anjinho.
Nunca mais os passarinho
Cantaram daquele jeito.

Naná foi, naquele dia,
A Jesus mostrá seu riso
E aumentá mais a quantia
Dos anjo do Paraíso.
Na minha imaginação,
Caço e não acho expressão
Pra dizê como é que fico.
Pensando naquele adeus
E a culpa não é de Deus,
A culpa é dos home rico.

Morreu no maió maltrato
Meu amô lindo e mimoso.
Meu patrão, aquele ingrato,
Foi o maió criminoso,

Foi o maió assassino.
O meu anjo pequenino
Foi sacudido no fundo
Do mais pobre cemitério
E eu hoje me considero
O mais pobre deste mundo.

Soluçando, pensativo,
Sem consolo e sem assunto,
Eu sinto que inda tô vivo,
Mas meu jeito é de defunto.
Envolvido na tristeza,
No meu rancho de pobreza,
Toda vez que eu vou rezá,
Com meus joêio no chão,
Peço em minhas oração:
Naná, venha me buscá!